



100°
Edição

“MÍDIA E MIGRAÇÕES: ENTRE DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS”

“Media and migration: between speeches and stereotypes”

“Medios de comunicación y la migración: entre discursos y estereotipos”

“Mass media e migrazioni: Tra discorsi e stereotipi”

RESENHA MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE

N° 100 – Setembro 2015



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 26 – nº 100 – Setembro 2015

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

Mídia e migrações: entre discursos e estereótipos

PORTUGUÊS	2
Percepções distorcidas de uma nova saga	3
Mídia africana distancia-se de tragédias no Mediterrâneo	6
Mídia e migrações: o estrangeiro sempre turбина a audiência	7
Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador	11
Migrante ou refugiado? A importância de se definir corretamente	13
Facebook lutará na Alemanha contra mensagens racistas sobre refugiados	14
ENGLISH	15
UN human rights chief denounces Sun over Katie Hopkins 'cockroach' column	15
'Migrant' hoax: The selfies that fooled the internet.....	17
From Calais to Kent, what is wrong with how we are talking about the migrant crisis?	17
A 21st-Century Migrant's Essentials: Food, Shelter, Smartphone	19
Why The Debate Over Europe's Migration Crisis Is Full Of Myths.....	21
Social Media Helps Doctors in Europe's 'Slow-Moving Disaster'	22
ESPAÑOL	24
Remezclar Europa: migrantes, medios y su representación.....	24
La foto del chico sirio muerto conmociona al mundo.....	26
Los refugiados de Africa y Medio Oriente ya tienen su sitio web de alojamiento	26
La inmigración que nos invade, algo que se pudo evitar (I).....	27
“Medios de comunicación son los que más discriminan a los migrantes en Chile”	29
Refugiados, migrantes y manipulación mediática	30
ITALIANO	31
Come ti confeziona l'immigrato: i media italiani e l'immigrazione.....	32
Cibo, rifugio e uno smartphone: così la tecnologia rivoluziona l'immigrazione.....	32
Le bufale sui migranti e l'odio come business	33
Migranti, i media e la diversa “televisività” di chi ha bisogno di aiuto.....	33
«Ti sorprendi che i migranti abbiano un cellulare? Sei un idiota»	34
Gli immigrati nei videogiochi, tra politiche d'accoglienza e paura dello straniero	35

EDITORIAL

A revolução tecnológica consequência da globalização no século 21, com o advento da *internet* e a ampliação da possibilidade de acesso individual à informação, é marcadamente uma característica da sociedade contemporânea. Inevitavelmente, essa realidade também faz parte do panorama das migrações internacionais e do cotidiano dos migrantes na atualidade.

De forma paradoxal, na relação entre migração e mídia, percebemos discursos em que se valoriza o encontro intercultural e, paralelamente, outros em que há a difusão e a reprodução de estereótipos e abordagens xenófobas e criminalizadoras da migração e dos migrantes.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que são todo meio usado para tratar a informação e auxiliar na comunicação, podem incidir profundamente sobre o trajeto, o pertencimento e a manutenção da identidade cultural dos indivíduos em deslocamento. Primeiramente, apontam para lugares que até então não eram considerados por certos coletivos de imigrantes. O Brasil é um claro exemplo de recebimento de um fluxo crescente de refugiado/migrantes, o que se deve, em parte, à forma como a imprensa internacional o pautou como um país emergente na economia. Em segundo lugar, com a expansão e a diminuição dos custos dos meios de comunicação, a troca de informações numa rede transnacional de migrantes também fortalece os laços com a família deixada no país, propiciando a manutenção das relações familiares de origem, e permite o acesso às notícias e aos conteúdos sobre o local de origem. Em suma, a possibilidade de uso das TICs forma uma relação além fronteira subvertendo de certa maneira os muros físicos e burocráticos que hoje estão implementadas para as pessoas em mobilidade.

Por outro lado, nota-se que a mídia também é utilizada enquanto meio para difusão e reprodução de discursos criminalizadores da migração e dos migrantes. Ao deixar de ser um relato imparcial da realidade, muitas vezes as coberturas jornalísticas são construções sociais alinhadas a uma certa visão sobre a migração e, como não poderia deixar de ser, se utiliza de uma linguagem alarmista e xenófoba para tratar do tema. Nesse sentido, os veículos de comunicação de massa exercem forte influência na formação da opinião pública, moldando, orientando a discussão, interpretando os fatos, elegendando as informações e, conseqüentemente, apresentado vieses para interpretação.

Para além dos jornais e sites eletrônicos de notícias, atualmente as mídias sociais se apresentam como um possível ambiente de democratização das construções identitárias. Assim como apontado no artigo do New York times em "*O essencial do migrante no século 21: comida, abrigo, Smartphone*", as mídias sociais e o uso que os migrantes fazem das TICs dão um novo enfoque para a cobertura midiática dos fluxos migratórios e as questões de refúgio. Isso porque permite que qualquer pessoa, inclusive os próprios migrantes, publique conteúdos que retratem seu dia-a-dia ou denunciem as condições em que se encontra, como por exemplo, a divulgação das condições subumanas dos acampamentos de refugiados em Calais, na França, a partir do Twitter e do Instagram. Dito isso, essas novas formas de comunicação a partir das redes sociais e sites colaborativos consistem em alternativas aos meios de comunicação de massa e permitem que o próprio migrante gere conteúdos sobre si próprio, contribuindo, em última instância, para revelar o protagonismo e o lado humano dessas pessoas em deslocamento.

O que se espera dos veículos de comunicação é que consigam retratar a mobilidade humana em sua complexidade, riqueza e diversidade. Para além dos fluxos, manchetes e estereótipos, é preciso reportar os fatos a partir de uma abordagem contextualizada, isto é, esclarecendo as situações nos locais de origem que geraram os deslocamentos, assim como as condições e as dificuldades na vida cotidiana nos locais de destino, e, acima de tudo, que se tenha em mente que as notícias não são sobre números, mas sobre seres humanos que precisam ter sua dignidade humana respeitada e representada na mídia.

PORTUGUÊS

Percepções distorcidas de uma nova saga

Veiculada por parte da mídia, ideia equivocada de que o recente fluxo de haitianos ao Brasil é enorme, descontrolado e prejudicial ao País pode levar setores da sociedade a discriminar imigrantes e violar os direitos humanos, alerta professora da USP

Paulo Hebmüller

Ao longo de 90 anos, a antiga Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, localizada no Brás, recebeu 3,5 milhões de pessoas (1,9 milhão de estrangeiros de 75 nacionalidades e etnias e 1,6 milhão de brasileiros de outros Estados) que carregavam – muito mais do que malas e bagagens – sonhos, expectativas e o desejo de trabalhar por uma vida melhor. O auge dessa saga se deu na virada do século 19 para o 20: entre 1886 e 1915, chegaram cerca de 2,8 milhões de pessoas, parcela de uma diáspora mundial que, desde 1820, transferiu aproximadamente 50 milhões de pessoas, especialmente da Europa, para o continente americano.

Parte das instalações do prédio é dedicada a contar essa história: fechado para reforma desde 2010, um renovado Museu da Imigração reabrirá suas portas no próximo dia 31. De acordo com os idealizadores do projeto, além de manter um coração “museologicamente” tradicional, a ideia do centro cultural é refletir sobre a imigração na contemporaneidade. Afinal, os fluxos migratórios, motivados pelas mais diversas razões, seguem intensos. Basta circular pelos bairros do entorno da antiga hospedaria (o próprio Brás, a Mooca e o Belenzinho, por exemplo) para comprovar que os redutos antes ocupados por italianos e outros imigrantes europeus, com o passar das décadas, receberam também brasileiros de outras regiões e, mais recentemente, estrangeiros que continuam chegando à cidade, como bolivianos, chineses e africanos.

“Uma mudança importante em relação ao passado é que nossos avós e bisavós vinham para ficar no País. Hoje as pessoas ficam enquanto tiverem trabalho, característica dos novos ciclos de imigração no mundo a partir da década de 1980”, avalia Deisy Ventura, professora do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP. Uma das razões da mudança é que a produção na economia globalizada é descentralizada. No caso da indústria têxtil, que atrai especialmente trabalhadores

bolivianos e coreanos a São Paulo, pequenas oficinas costuram para distribuidoras que mais tarde repassam o material à grande comercialização. “Famílias que hoje encontramos em São Paulo poderão ser encontradas daqui a poucos anos em Buenos Aires e depois em Lima, por exemplo. Elas se movem na expectativa de fazer economias e voltar a seu país numa situação um pouco melhor após alguns anos de peregrinação em função do trabalho.”

Contra os pobres - O tema da imigração tem voltado à pauta em função de episódios recentes que – teme a professora – podem distorcer percepções da opinião pública. O principal deles é a chegada a São Paulo de centenas de haitianos, concentrada em poucos dias entre o final de abril e o início de maio. Para Deisy Ventura, essa realidade está longe de ser um problema. “A questão de fato são as milhares de pessoas que vêm trabalhar aqui e que eu gostaria que fossem tratadas do mesmo jeito que eu gostaria que nossos bisavós tivessem sido tratados quando chegaram”, diz.

Nesse e em outros casos, a professora enxerga um conjunto de discriminações no qual entra o racismo, mas também, sobretudo, o preconceito contra os pobres. “Isso é uma grande incompreensão histórica, porque os nossos antepassados eram muito pobres. Quem veio para o Brasil? Essencialmente pessoas do meio rural empobrecido na Itália, na Alemanha, na Polônia e mesmo do Japão.” Já os estrangeiros dos países ricos, que em geral vêm com vistos solicitados pelo empregador, “são muito bem-vindos”, compara.

De fato, salienta a docente, a recente chegada dos imigrantes do Haiti a São Paulo foi desorganizada e parece ter apanhado desprevenido o poder público nas três esferas, embora já há alguns anos o País venha recebendo fluxos constantes da ilha. De acordo com dados do governo do Acre (principal entrada da rota haitiana no Brasil) e da

Embaixada brasileira em Porto Príncipe, 32 mil pessoas ingressaram no País por aquele Estado nos últimos três anos. Mais de 90% delas são do Haiti, enquanto o segundo maior grupo é de senegaleses, com 7,6%. Estima-se que em poucas semanas, entre abril e maio, cerca de 1.500 pessoas deixaram o Acre e Rondônia e desembarcaram na capital paulista.

Para Deisy Ventura, a imagem equivocada de que o fluxo de haitianos ao Brasil é enorme, descontrolado e representa um grave problema pode justificar a oposição de setores da sociedade à imigração oriunda de alguns países. “Há 45 milhões de deslocados forçados no mundo atualmente, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Perto desse contexto, foi um quinhão muito pequeno que nos tocou”, considera a professora, que já lecionou na França e na Suíça. Os deslocamentos realmente graves, explica, expulsam dezenas ou centenas de milhares de pessoas que não podem retornar, como os refugiados da guerra na Síria, por exemplo.

Potência – O governo brasileiro esteve entre os que mais ajudaram o Haiti depois do terremoto de 2010, que devastou várias cidades e matou cerca de 230 mil pessoas no país. Desde 2004 o Brasil exerce o comando militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), e chegou a promover um jogo de futebol da seleção brasileira contra a seleção haitiana. Tudo isso contribuiu para criar uma imagem positiva do País e colocá-lo como alternativa no mapa da secular diáspora haitiana.

Para Deisy Ventura, enquanto o Brasil estiver em evidência internacional, os imigrantes virão. Eles conhecem os problemas que o País tem, dos quais tomam conhecimento pelos que já estão aqui. Porém, a precariedade das condições de vida no lugar de origem entra na conta e, se o cálculo apontar para vantagens em fazer a mala para trabalhar em terras brasileiras, a balança penderá para a viagem. “O Brasil ainda não está acostumado com essa situação. Ser potência não é só tirar foto em cúpula e ser reconhecido ou prestigiado pelos chefes de Estado dos países mais importantes. Ser potência tem custo, e um deles é que as pessoas querem vir para cá”, lembra a professora.

Sob a ótica dos direitos humanos

Dos estrangeiros que entraram no Brasil pelo Acre nos últimos três anos, dois terços foram trazidos

por coites (atravessadores ilegais), e apenas um terço possuía visto das Embaixadas brasileiras. Facilitar a regularização migratória para quem quer vir trabalhar é um dos focos do anteprojeto da nova Lei de Migrações e Promoção dos Direitos dos Migrantes no Brasil. Ao lado de três outros professores da USP, Deisy Ventura integra uma comissão de nove especialistas nomeada pelo Ministério da Justiça para redigir o texto. No dia 6 de maio, uma audiência pública na USP debateu a primeira versão do anteprojeto.

“O que é definidor de todo o texto é a concepção das migrações sob o viés dos direitos humanos”, defende Deisy. “Pensar sob a perspectiva dos direitos altera toda a sua estrutura”, afirma, referindo-se à lei vigente – o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815, de 1980), promulgado ainda durante a ditadura militar, “é um instrumento de segurança nacional, como diversos outros da época”.

Na audiência do dia 6, Rossana Reis, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e integrante da comissão, explicou que havia uma grande preocupação em adequar o texto às diretrizes da Constituição de 1988. “Eliminou-se o vocabulário de segurança nacional e o vocabulário de risco, e incorporou-se o vocabulário dos direitos humanos, do direito internacional, da cooperação, do fortalecimento dos laços sociais que unem os brasileiros e os povos vizinhos, e assim por diante”, disse Rossana. Também são integrantes da comissão os professores da USP Pedro Dallari, do IRI, e André de Carvalho Ramos, da Faculdade de Direito.

“Nosso ponto de partida foi: o que o Brasil ganha com a dificuldade da regularização migratória? O que há de positivo para um país em que os estrangeiros que estejam aqui sejam clandestinos? Eles vêm e permanecem irregulares, e isso gera clandestinidades em cascata. Esse cidadão é muito mais vulnerável ao crime organizado, à precariedade econômica e à dificuldade de integração social”, explica Deisy Ventura.

Para a professora, o caso do menino boliviano Brayan Yanarico Capcha, assassinado em junho do ano passado num assalto à casa da família, na zona leste de São Paulo, mostrou essa vulnerabilidade: sem regularização, seus pais não podiam abrir conta bancária e por isso guardavam todo o seu dinheiro em casa. Só depois do crime a Prefeitura firmou um convênio com a Caixa Econômica Federal para facilitar a abertura de contas aos estrangeiros. A regularização também

“dribla” a necessidade dos coiotes, porque basta ao imigrante que quer vir trabalhar dirigir-se à Embaixada brasileira e solicitar o visto.

O texto cria também a Autoridade Nacional Migratória, em substituição à Polícia Federal (PF) nos serviços de imigração. As competências da PF em investigações relacionadas a estrangeiros e ao controle de fronteiras não mudariam em nada, mas os trâmites comuns com os imigrantes não ficariam mais a seu encargo.

A comissão recebe sugestões sobre o texto até o próximo dia 23 pelo e-mail anteprojetomigrações@gmail.com. O texto final será encaminhado ao governo federal. A aprovação cabe ao Congresso Nacional.

Solidariedade para com os que chegam

No princípio eram os italianos – principalmente aqueles que queriam distância do fascismo nas décadas de 1920, 30 e 40. Depois, vieram os migrantes de outras regiões do País, os latino-americanos, os africanos e outros, num movimento incessante. Fazendo jus à sua história de acolhida, a Missão Paz de São Paulo, da Congregação dos Missionários Scalabrinianos – integrada pela Paróquia Nossa Senhora da Paz e por instituições como a Casa do Migrante –, foi também o centro de recepção dos haitianos que têm chegado à cidade e recebeu as atenções da mídia entre o final de abril e início de maio. Durante algumas noites, mais de 300 imigrantes dormiram em colchões no salão da comunidade, na região do Glicério, no centro da cidade.

“Tivemos um momento difícil na chegada deles, mas depois, com a solidariedade e a generosidade de muitas pessoas, e que o povo brasileiro sempre manifesta, encontramos respostas para essa situação”, diz o padre Antenor Dalla Vecchia, pároco da Igreja Nossa Senhora da Paz. Doações de roupas, comida, artigos de higiene e outros itens começaram a chegar de toda parte. Acostumada a trabalhar com regularização e documentação de estrangeiros – a Casa do Migrante abriga atualmente 110 pessoas de 15 nacionalidades –, a Missão exortou o poder público a assumir suas responsabilidades.

Uma unidade móvel do Centro de Apoio ao Trabalho foi deslocada ao pátio da paróquia, e só nos primeiros três dias foram fornecidas cerca de 300 Carteiras de Trabalho aos haitianos. A Prefeitura também criou um abrigo provisório, na vizinhança da igreja, para receber 120 pessoas. No primeiro domingo de maio, pouco mais de 30 pessoas dormiriam no salão da igreja. Todos os

demais imigrantes já estavam encaminhados para emprego em São Paulo ou outros Estados, principalmente na região Sul do Brasil.

Ajudando a receber e guardar as doações estava o jovem Antoine Michel, de 24 anos, há quase dez meses no Brasil. Ainda desempregado – ele aguarda uma vaga para trabalhar com trator ou retroescavadeira –, Michel conta que quer mesmo uma oportunidade para estudar e chegar à faculdade de Engenharia, seu sonho.

Johnny Midi, 24 anos, e Kenson Milhomme, 27, também passavam regularmente na igreja – menos para procurar emprego e mais para ver se encontravam algum conhecido recém-chegado e para ajudar na comunicação entre os haitianos, a equipe da Missão e os empresários que iam oferecer vagas. Ambos estão no Brasil há quase dois anos, falam português e já trabalharam em outros Estados. Midi foi empregado em empresas metalúrgicas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, mas conta não ter se adaptado ao frio dos invernos sulistas. Muitas cidades do interior desses Estados, por sinal, possuem colônias de centenas de haitianos contratados por empresas de setores como metalurgia, frigoríficos ou floricultura, entre outros, e que formam redes de comunicação nas quais acabam chamando familiares para fazer a viagem também.

No entanto, Midi e Kenson – que trabalhou na construção civil em Piracicaba – não sabem se farão o mesmo. Confirmando o que diz a professora Deisy Ventura, sua perspectiva é de permanecer no Brasil enquanto tiverem boas oportunidades de trabalho e de conseguir uma vida melhor. Os dois também querem entrar na universidade, mas consideram que agora, gastando várias horas por dia em deslocamentos da zona leste, onde moram, até a zona norte, local do novo emprego, não é possível conciliar trabalho e estudo.

Foi numa das idas à paróquia que os dois conheceram compatriotas recém-chegados e a empresária Yone Yamassaki, dona de uma padaria no bairro da Casa Verde. Além deles, a empresária contratou outros quatro haitianos para trabalhar como confeitores, padeiros e auxiliar de limpeza. Yone é descendente de imigrantes japoneses, de um lado, e tem sangue indígena e português de outro. “Senti que tinha a obrigação de recebê-los, porque meus avós vieram do Japão numa situação parecida”, diz. Para ela, os novos funcionários, ainda no primeiro mês no emprego, são muito educados e interessados, e estão se integrando

bem aos colegas brasileiros, que se divertem ao aprender expressões em francês.

“Na medida em que se oferecem possibilidades aqui e não há oportunidades em seu próprio país, as pessoas vão chegando. Veja a Europa. Por mais restrições e barreiras que se criem, os imigrantes sempre encontram um caminho”, diz o padre Dalla Vecchia. “A melhor atitude não é a

rejeição ou a ansiedade de que elas vão ‘tirar o nosso lugar’, mas sim encontrar estratégias para que essas pessoas se integrem e façam parte da comunidade brasileira. A população, o poder público, as instituições e as ONGs têm que ter essa atitude de acolher essa diversidade que, no fundo, só virá a nos enriquecer.”

Fonte: <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=36473> - 20.05.2014

Mídia africana distancia-se de tragédias no Mediterrâneo

Jornais e políticos do continente pouco abordam problema dos migrantes que arriscam a vida para fugir rumo à Europa. Muitos sugerem que responsabilidade pelo problema está longe do continente, nas mãos da UE.

Claus Stäcker

A mídia africana é surpreendentemente reservada quando reporta sobre as dezenas de milhares de refugiados que se arriscam a cruzar o Mediterrâneo rumo à Europa. Manchetes de jornais de grande tiragem como The Star, de Johannesburgo, Pretoria News ou New Vision, de Kampala, em Uganda, sugerem que a responsabilidade pelo destino dos africanos está longe da África. "UE concorda com mais ações de salvamento" ou "Não há mais desculpas, adverte a UE", escrevem.

"A tragédia de barco não é apenas um problema da Europa", critica, de forma solitária, o intelectual Daily Maverick, da África do Sul. "O departamento de comunicação da União Africana (UA) tem muito a fazer nos dias de hoje: uma declaração sobre as eleições no Sudão, uma sobre o assassinato de etíopes pelo EI, outra sobre os ataques xenófobos na África do Sul. Um pouco de polimento para investidores, com a 'Agenda África 2063'", escreveu o jornal. "Mas nada sobre os barcos cheios de africanos que arriscam tudo para deixar o continente. Nada sobre as centenas de cadáveres flutuando no Mediterrâneo."

O Daily Maverick lembra, no entanto, que a UA e a União Europeia (UE) pelo menos esclarecem conjuntamente os refugiados ao longo das rotas de fuga. "A UA tenta convencer os imigrantes nos centros de refugiados de que não há um paraíso esperando por eles na Europa. Este é um bom começo, mas nada mais do que isso."

Uma análise não representativa indica que os ataques xenófobos na África do Sul ganharam cerca de dez vezes mais atenção da mídia do que as mortes de refugiados no Mediterrâneo. As duas coisas estão relacionadas: a busca de felicidade, trabalho, liberdade ou ao menos de estabilidade leva migrantes tanto para o norte como para o

Cabo da Boa Esperança. Uma cultura de boas-vindas é algo que falta nos dois destinos. E em ambas as metades do globo, forças radicais colocam lenha na fogueira, com a lógica do "barco está cheio". Mas enquanto os ataques na África do Sul causam indignação em toda a África, a morte de milhares no Mediterrâneo quase não é debatida.

O jornal da Cidade do Cabo Cape Times fala sobre os contrabandistas de pessoas citando um traficante risonho da Eritreia, apelidado de General, que se justifica cinicamente. "Eles me acusam de levar pessoas demais a bordo, mas são elas que têm pressa em fugir." Outro traficante de pessoas, um etíope de codinome Ghermaya, se orgulha de como o negócio vai bem neste ano. "Eu já mandei para lá de 7 mil a 8 mil", afirma ao Cape Times. Segundo o veículo, a rede de Ghermayas faturou 100 milhões de euros em apenas dois anos.

O Sud Quotidien, do Senegal, procura saber os motivos dos jovens emigrantes. "Suas palavras de ordem são 'jihad', 'Barcelona ou morte' – algo que já diz muito. O que importa é sair, não importa para onde. O mar aberto como sinônimo da busca por sucesso. A morte cheira a paraíso. Eles usam o termo jihad para descrever o inefável: eles enfrentam uma aventura perigosa para garantir a felicidade da família, que fica em casa", escreve o jornal.

"O que os motiva não é tangível. Em seu desespero, os fugitivos experimentam uma grande felicidade. Eles estão entre dois fogos: a pobreza e a guerra. O gosto do perigo é a última esperança. Eles nasceram para morrer", prossegue o Sud Quotidien.

"Para que precisamos da UA?"

O jornal de asilados do Zimbábue The Zimbabwean acusa tanto a União Africana como a União Europeia de fracassarem. "A UE, hesita em salvar nossas crianças de traficantes de pessoas. Ela não vai concordar com uma abertura das fronteiras. E o estado deplorável dos governos africanos, liderados por ícones como Robert Mugabe [presidente do Zimbábue], vai continuar provocando uma enxurrada de refugiados para a Europa. A ajuda ao desenvolvimento para a África é, em grande parte, desperdiçada. Alguns desses bilhões devem ser diretamente gastos em zonas sob segurança da ONU, como no norte da África, por exemplo, onde os refugiados são resgatados, alimentados e instruídos – enquanto seus pedidos de asilo para a Europa são processados."

O jornal The Observer, de Uganda, sente falta de uma atitude clara e conjunta na África. "A realidade nos faz perguntar se os líderes africanos são capazes de controlar o destino do continente, de modo que já não sejamos mais a chacota do mundo. Lamentavelmente, a reação deles até agora dá pouco motivo para esperança. A União Africana não age como deveria, e sequer um único líder nacional, com exceção de Robert Mugabe, abre a boca. Onde e quando a UA convocará uma cúpula sobre os refugiados? Qual é o plano mestre

da UA com relação à migração? Onde está a obrigação comum dos líderes africanos de acabar com o sofrimento de seu povo?"

O tema também é comentado pelo La Nouvelle Tribune, de Benin. "A chamada União Africana deveria simbolizar a unidade dos africanos e seu futuro cheio de esperança. Mas ela permanece em silêncio, está completamente ausente em questões importantes", analisa.

"Centenas e centenas de africanos fogem de conflitos e da pobreza causados por seus próprios governos para morrerem no mar. Se a Europa procura uma solução, é apenas por interesse próprio: para evitar uma invasão de imigrantes", continua. "Quem pode culpar a UE? Mas neste debate também está óbvio que justamente a UA, que é a mais afetada pelo drama, está ausente. Esta situação intolerável faz os africanos se perguntarem: para que precisamos da UA?"

A discussão, por vezes acalorada, nas redes sociais, especialmente na Deutsche Welle, mostra que as pessoas estão realmente preocupadas com o quanto a África está de fato fazendo em relação ao drama dos refugiados.

Fonte: <http://www.dw.com/pt/m%C3%ADdia-africana-distancia-se-de-trag%C3%A9dias-no-mediterr%C3%A2neo/a-18414453> - 28.04.2015

Mídia e migrações: o estrangeiro sempre turbina a audiência

Um jornalismo digno desse nome deveria analisar de que maneira a organização econômica mundial torna inevitável a emigração dos países do Sul para os do Norte.

Rodney Benson

"Temos a tendência a falar dos imigrantes apenas pelo ângulo das 'variedades' ou da miséria, a vê-los somente como agressores ou vítimas", observou em 1988 Robert Solé (1), jornalista do Le Monde. Vinte e sete anos depois, a observação continua totalmente pertinente e sua validade ultrapassa largamente as fronteiras francesas.

A imigração ocupa um lugar cada vez mais central no debate político; ela é uma questão social importante. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 3,4 mil imigrantes pereceram tentando atravessar o Mar Mediterrâneo para chegar à Europa em 2014. Na França, onde a porção dos estrangeiros não ultrapassa 6% da população total, o Front National (FN) joga com o medo da invasão para ganhar terreno nas eleições locais ou nacionais. Nos Estados Unidos, mais de 60 mil crianças não acompanhadas foram detidas na fronteira com o México em 2014 quando fugiam da violência das

gangues da América Central ou pensavam em tentar a sorte no Norte. A principal resposta do presidente Barack Obama foi reforçar os controles de fronteira, prova adicional de que seu desacordo com os republicanos em relação a esse tema não é tão profundo.

Comentando sua decisão, os meios de comunicação se concentraram nos sofrimentos humanos e na repressão policial, sem verdadeiramente questionar as causas da imigração. Ora, esse fenômeno necessita mais do que nunca de um amplo debate público, a única maneira de levar a uma política adequada. É preciso, portanto, saber quais são os pontos cegos na maneira como ela é tratada. Para isso, realizamos uma análise sistemática de 22 dos principais veículos de comunicação franceses e norte-americanos, tentando distinguir os diversos ângulos de abordagem.

Os debates sobre o tema evoluíram bastante ao longo dos últimos quarenta anos. No início da década de 1970, nos Estados Unidos, os sindicatos e o poder republicano se irmanaram contra a imigração ilegal. O ex-marine Leonard Chapman, indicado pelo presidente Richard Nixon para a direção do Serviço da Imigração e da Naturalização (hoje integrado à Secretaria da Segurança Interna), preocupava-se com os riscos de “invasão”.

A American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO), a principal confederação sindical, julgou então que a mão de obra mexicana ameaçava os salários e as condições de trabalho dos norte-americanos. César Chávez, o lendário sindicalista californiano, ergueu barreiras para impedir que os trabalhadores agrícolas vindos do outro lado da fronteira furassem as greves. O Los Angeles Times de 3 de julho de 1975 proclamava numa chamada de capa: “Segundo os líderes norte-americanos, os patrões preferem uma mão de obra que possam explorar e pela qual possam pagar uma miséria”.

Ao longo das décadas seguintes, a pressão econômica sobre os trabalhadores norte-americanos aumentou fortemente. No entanto, a ideia de que os imigrados monopolizam os empregos dos nativos e puxam os salários para baixo não cessou de perder terreno. Em 1974-1975, ela aparecia em 47% das informações sobre a imigração, aí incluídos todos os suportes; no período de 2002-2006, o nível caiu a exatos 8%.⁽²⁾ O economista e cronista do New York Times Paul Krugman é hoje um dos raros analistas a levar em conta esse aspecto.⁽³⁾

Essa evolução traduz a reconfiguração que o tabuleiro de xadrez político norte-americano experimentou entre os anos 1970 e a metade dos anos 1980. Desejosos de inflar suas fileiras, vários sindicatos foram então levados a repensar sua oposição à imigração clandestina. Eles foram encorajados a seguir nesse caminho por organizações surgidas no final dos anos 1960 que se firmaram durante essas duas décadas: o Conselho Nacional da Raça (National Council of La Raza) e o Fundo para a Educação e a Defesa Jurídica dos México-Norte-Americanos (Mexican American Legal Defense and Education Fund, Maldef), por exemplo. Esses grupos denunciam as múltiplas discriminações sofridas pelos latinos e asiáticos instalados nos Estados Unidos. Se essa ação era necessária, ela teve como consequência minorar, nos meios de comunicação, o discurso sobre as causas econômicas da imigração e sobre as consequências dos baixos salários dos

estrangeiros, em benefício de temas sobre a xenofobia.

Na França, esses temas emergiram na década de 1970, antes de ganhar terreno no início dos anos 1980: o racismo contra os trabalhadores estrangeiros figurava em 1973 em 46% das reportagens – contra 25% no período 2002-2006. Essa forte presença veio acompanhada de um amplo espaço concedido à questão da diversidade cultural. Esta aparece em metade dos artigos publicados no Libération em 1983. “Na França, será preciso aprender a viver numa sociedade pluricultural”, afirmava um editorial. ⁽⁴⁾ Depois, em seguida ao avanço do FN nas eleições municipais de Dreux, em 1983, e em resposta à ofensiva anti-imigrantes lançada pela imprensa de direita, os jornais próximos do Partido Socialista relegaram a questão da diversidade cultural a um lugar atrás daquele da “integração” dos recém-chegados à “comunidade nacional”. “Precisávamos criar uma base sólida para bloquear o FN e mostrar que a defesa dos imigrantes fazia parte da tradição republicana francesa”, justificava Laurent Joffrin, então redator-chefe do Libération. “Concluimos disso que a problemática da ‘igualdade dos direitos’ era mais promissora que o discurso sobre o ‘direito à diferença’”. ⁽⁵⁾

Os efeitos dessa virada foram imediatos e ainda se fazem sentir 25 anos depois: entre 2002 e 2006, em todos os meios de comunicação franceses, a temática da “integração” suplantou a da “diversidade cultural” (20% contra 8%); nos jornais, a “coesão nacional” aparece em 42% dos artigos, ou seja, três vezes mais frequente que nos Estados Unidos. Nesse país moldado por uma economia de mercado cada vez mais fragmentada, a questão da “coesão nacional” fala pouco aos líderes políticos e a seus eleitores: a esquerda democrata se mostra mais sensível às reivindicações comunitárias, enquanto a direita republicana está dividida entre seus apoios financeiros (numerosas empresas são favoráveis a uma imigração livre) e seus eleitores, com frequência hostis aos estrangeiros. Os líderes políticos preferem, portanto, formular o problema em outros termos.

Na França, em contrapartida, a existência de um Estado-providência relativamente forte permite à noção de comunidade nacional conservar o sentido. À medida que a proteção social enfraquece, os meios de comunicação parecem em seguida querer brandir a coesão cultural para preencher o vazio. No início dos anos 1980, esse tema era defendido sobretudo pelo FN e por jornais como Le Figaro e Le Figaro Magazine. Na massa

dos assuntos sobre imigração, ele era majoritário. Depois, os principais partidos do governo se converteram a esse discurso, relegando a segundo plano o do racismo e o das discriminações. A ascensão do FN não foi interrompida e, ainda que os jornalistas falem menos a respeito do que há trinta anos, os imigrantes e seus descendentes, em particular negros e árabes, continuam a sofrer discriminações.

Abandonando as questões da economia e do racismo, os meios de comunicação norte-americanos e franceses focalizam cada vez mais o tema da “ordem pública” e da segurança por um lado (durante a década de 2000, 62% das reportagens nos Estados Unidos e 45% na França) e o aspecto “humanitário” por outro (no mesmo período, 64% nos Estados Unidos e 73% na França). Espetaculares, simples e muito visuais, esses dois enquadramentos apresentam igualmente a vantagem de corresponder ao discurso das associações e dos organismos de Estado hostis e favoráveis aos imigrados. Em suma, eles satisfazem uma dupla exigência comercial e política.

Vilipendiar a imigração clandestina constitui, para um jornal ou uma rede de televisão, uma fórmula comercial vencedora, porque, como escreve o sociólogo Todd Gitlin, “o arquétipo da história midiática é uma história de crime”. (6) O tema da ordem pública dispensa explicações e pode ser tratado com imagens chocantes: motins, polícias, postos de fronteira, armas, perseguições e prisões. Mas existe também outra explicação para a recorrência desse ângulo. Os jornalistas franceses e, mais ainda, norte-americanos produzem com frequência suas informações com base em fontes oficiais: ministérios, prefeituras, governos etc. Suas preocupações tendem, portanto, a se alinhar com as dos representantes do Estado e seus líderes políticos. E, como os governos enxergam com frequência a imigração em termos de ameaça à ordem pública, eles se veem incitados a fazer o mesmo. Podemos assim notar importantes variações em função da atualidade política: em 2002, na esteira dos atentados do 11 de Setembro, enquanto democratas e republicanos só tinham a palavra “segurança” na boca, o ângulo da ordem pública aparecia em 64% dos assuntos; em 2004, essa proporção tinha caído para 53% (ou seja, quase a mesma cifra que em 1994), antes de subir para 62% em 2005, no momento do voto da Lei HR 4.437, que criminalizava os clandestinos.

Na França, a temática da ordem pública emergiu no início dos anos 1980, relacionada ao discurso

sobre a “crise dos subúrbios”, depois culminou no início da década de 1990, quando ele foi retomado pelos dois principais partidos políticos. Em 1991, a primeira-ministra socialista, Edith Cresson, prometia, por exemplo, fretar aviões para deportar os clandestinos. Depois, a partir dos anos 2000, à medida que os governos sucessivos se concentravam novamente na integração e na coesão nacional, as ocorrências do tema segurança começaram a rarear.

Apetite por histórias angustiantes

Já a abordagem humanitária progressivamente se generalizou nos dois lados do Atlântico, ou foi defendida por inúmeras associações: a France Terre d’Asile [França Terra de Asilo], a Cimade, a Ligue des droits de l’homme [Liga dos Direitos Humanos] ou ainda a Amnesty International en France [Anistia Internacional na França], na França; a Raza, o Maldef, a American Civil Liberties Union [União pelas Liberdades Cívicas Americanas] (Aclu), o Immigrants’ Rights Project [Projeto pelos Direitos dos Imigrantes] ou o National Immigration Forum [Fórum Nacional de Imigração], nos Estados Unidos. Enquanto as associações francesas vivem principalmente de subvenções públicas e das contribuições de seus sócios, seus homólogos norte-americanos são financiados por uma aliança heteróclita que reúne pequenos doadores ligados aos direitos humanos, pela Igreja Católica e por poderosas fundações (Ford, Carnegie, McArthur), assim como bancos, empresas de construção e diversas multinacionais que têm todo o interesse em preservar uma fonte de mão de obra de baixo custo.

Exatamente como a temática da ordem pública, a abordagem humanitária permite conquistar a audiência. Nos Estados Unidos, ela corresponde particularmente bem à escritura narrativa e personalizada que floresce nos meios de comunicação. Bem utilizado, esse estilo pode constituir uma técnica eficaz para restituir a experiência dos migrantes e sensibilizar os leitores-espectadores em relação a meios sociais que lhes são desconhecidos. O exemplo mais célebre dessa abordagem é sem dúvida “Enrique’s Journey” (“A viagem de Enrique”), reportagem em seis episódios publicada em 2002 no Los Angeles Times, que valeu a Sonia Nazario o prêmio Pulitzer.

A jornalista traçava ali a história de um jovem originário da América Central que parte à procura da mãe. Esta tivera de deixar os filhos famintos a fim de buscar um trabalho que lhe permitisse enviar dinheiro para eles e lhes proporcionar uma vida

melhor. Com o objetivo de recriar essa experiência para os leitores, Sonia seguiu os rastros de Enrique de Honduras até a Carolina do Norte, chegando a viajar no teto dos trens como ele mesmo tinha feito no México. A reportagem termina de maneira trágica. Após ter sofrido muito com a partida da mãe, Enrique se vê forçado a impor a mesma experiência à própria filha: “Algum tempo depois de sua chegada aos Estados Unidos, Enrique telefona para sua namorada em Honduras. Como ele havia suspeitado antes de partir, Maria Isabel está grávida. Em 2 de novembro de 2000, ela dá à luz uma garotinha, Katherine Jasmin. O bebê se parece com Enrique. Tem sua boca, seu nariz, seus olhos. Uma tia encoraja Maria Isabel a ir até os Estados Unidos, prometendo-lhe que irá tomar conta do bebê. ‘Se eu tiver uma chance, eu vou’, diz Maria Isabel. ‘Vou sem o bebê.’ Enrique aprova: ‘Será preciso deixar o bebê’”.

O livro baseado nessa reportagem recebeu uma chuva de críticas elogiosas. (7) A revista *Entertainment Weekly*, por exemplo, julgou que a “impressionante reportagem de Nazario [construía] com base na atual polêmica sobre a imigração uma história mais pessoal que política” (22 fev. 2006). No entanto, por mais sedutora que seja, essa abordagem não permite captar as principais motivações do fenômeno migratório. É verdade que o leitor sente nos mínimos detalhes as provas enfrentadas por Enrique, mas ignora como ele chegou lá e como poderia ter evitado esse destino.

Além de se interessar pelas dificuldades dos imigrados, um jornalismo digno desse nome deveria analisar de que maneira a organização econômica mundial, assim como a política estrangeira, comercial e social de países ocidentais como os Estados Unidos e a França, torna inevitável a emigração dos países do Sul para os do Norte. Por que, como o sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad gostava de lembrar, a imigração é antes de tudo uma emigração.

No que se refere aos Estados Unidos, mais 250 mil pessoas pereceram nos conflitos na Guatemala, em El Salvador e na Nicarágua, mortas essencialmente por esquadrões da morte e forças militares treinadas, mantidas e armadas pelos Estados Unidos. Em 1980, esse país contava menos de 100 mil imigrados originários de El Salvador; dez anos de guerras e de perturbações mais tarde, esse número atingia 500 mil. Hoje ultrapassa 1 milhão.

A política comercial de Washington também contribuiu para essa emigração em massa. Longe de melhorar as condições de vida e de emprego

dos trabalhadores mexicanos, o Acordo de Livre Comércio Norte-Americano (Nafta), assinado em 1993, contribuiu para agravar a pobreza e a insegurança, levando vários moradores, em particular aqueles das zonas rurais, a atravessar a fronteira. As empresas norte-americanas prepararam o terreno para acolhê-los. Os setores da indústria e os serviços adaptaram suas condições de trabalho a fim de lhes propor empregos “flexíveis”, com baixa remuneração e poucas vantagens. Nos setores da carne, têxtil, da construção, de restaurantes e de hotelaria, os empregados norte-americanos foram com frequência despedidos para serem substituídos por clandestinos muito mais baratos.

O mesmo raciocínio poderia ser defendido em relação à França, ainda que a atração do trabalho seja menos importante ali em razão da legislação mais rigorosa. Muitos imigrantes vindos do Magreb ou da África subsaariana também tiveram de deixar seu país em razão de dificuldades econômicas ou políticas ligadas às relações desiguais que a França mantém com suas ex-colônias. “O mal-estar profundo na África acentua o êxodo maciço, que nenhum muro vai deter, mesmo que ele alcance o céu”, explica Arsène Bolouvi, pesquisador originário do Togo para a Anistia Internacional. “As tramas das multinacionais, as vendas de armas, o controle dos recursos, os governos autoritários apoiados pela França: tudo leva as pessoas a fugir do perigo da vida, perseguidas pela fome e pela guerra.” (8)

A complexidade das causas internacionais das migrações compromete, no entanto, seu tratamento sob a forma de melodrama pessoal. Por outro lado, fazer referência a isso implica abrir um debate ideológico delicado, porque elas sugerem a existência no sistema econômico e social de injustiças ou de falhas que a maioria da classe política e midiática aceita como fato. Do início da década de 1970 ao meio da de 2000, enquanto a globalização neoliberal se intensificava e diversos conflitos manipulados pelos Estados Unidos tratavam a América Central a ferro e fogo, a parcela das reportagens de imprensa que mencionava fatores internacionais passou de 30% para 12%. Os jornais franceses se distinguiram evocando a economia mundial em um terço de seus artigos – um número estável entre os anos 1970 e 2000. Essa diferença se explica, sobretudo, pela maior presença no seio da cultura intelectual e política francesa de correntes hostis à globalização. Com frequência, no entanto, a mídia desses dois países só oferece um quadro incompleto. A

redução do tema da imigração a sua dimensão emocional, jogando com o medo ou a piedade, tende a enfraquecer o poder democrático dos cidadãos, preparando o terreno para uma instalação durável da extrema direita.

Rodney Benson é professor de Sociologia da New York University. Autor de "Shaping immigration news: a French-American comparison" [Moldando

notícias sobre imigração: uma comparação entre França e Estados Unidos], Cambridge University Press, 2013.

Artigo originalmente publicado na revista *Le Monde Diplomatique*.

Fonte:

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/40436/midia+e+migracoes+o+estrangeiro+sempre+turbina+a+audiencia.shtml> - 17.05.2015

Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador

Jefferson Puff

"A noção de que o Brasil é um país hospitaleiro, onde todos os estrangeiros e imigrantes são bem-vindos, não passa de um mito", diz o pesquisador Gustavo Barreto, após analisar mais de 11 mil edições de jornais e revistas entre 1808 e 2015.

Em tese de doutorado defendida recentemente na UFRJ, ele concluiu que o racismo na imprensa brasileira contra o imigrante se manteve constante, apesar dos avanços, e que a aceitação é seletiva, com diferenças entre europeus e africanos, por exemplo.

Na tese *Dois Séculos de Imigração no Brasil: A Construção da Identidade e do Papel dos Estrangeiros pela Imprensa entre 1808 e 2015*, Barreto analisou a cobertura do tema em jornais como O Globo, O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã (hoje Folha de S. Paulo), Correio da Manhã, O País e Gazeta do Rio de Janeiro ao longo de 207 anos.

Em entrevista à BBC Brasil, ele explica como os termos são usados de forma diferente na imprensa. "O refugiado é sempre negativo, um problema grave a ser discutido. O imigrante é uma questão a ser avaliada, pode ser algo positivo ou negativo, mas em geral a visão é de algo problemático. Já o estrangeiro é sempre positivo, inclusive melhor do que o brasileiro. É alguém com quem podemos aprender", diz.

Barreto incluiu em seus estudos as hostilidades sofridas em junho por haitianos em um posto de gasolina na região metropolitana de Porto Alegre. E, recentemente, houve em São Paulo uma suspeita de ataque xenófobo contra haitianos, que foram baleados com chumbinho na escadaria de uma igreja.

Barreto também lembrou a estigmatização sofrida por africanos e haitianos no ano passado, quando uma pessoa da Guiné foi identificada como suspeita de estar contaminada pelo vírus ebola, e

afirma que o Brasil ainda está longe de promover uma discussão real sobre a imigração.

"Em geral, os novos imigrantes estão sempre sendo vistos como problemáticos na sociedade. As notícias não estão discutindo imigração, problematizando o assunto, e não se vê discussões de política imigratória ou da legislação. O foco não é a solução ou discutir o tema, mas a noção de crise", avalia.

Veja os principais trechos da entrevista:

BBC Brasil - De acordo com sua pesquisa nos relatos da imprensa brasileira, como o país "pensou" e "problematizou" seus imigrantes ao longo dos últimos 207 anos?

Gustavo Barreto - Houve diferentes momentos, mas o que se manteve por muitas décadas foi a intenção de trazer mão de obra, sempre com uma clara preferência por cristãos, brancos, europeus e trabalhadores.

Até 1870 ocorrem pequenos experimentos isolados, com uma média de chegada de 2 mil a 3 mil imigrantes por ano, e a partir de 1870 começam as grandes levas de imigrantes, com mais de 10 mil por ano, o que ocorre até 1930.

Havia um consenso de que não se podia contar só com os portugueses para popular o país, e o governo implementou políticas de subsídios para estrangeiros. Do governo Vargas em diante, o país passa a selecionar muito mais quem entra, e décadas depois passa a prover mais imigrantes brasileiros para o mundo do que os receber.

Mais recentemente, nos últimos dez anos, o Brasil voltou a receber muitos imigrantes, sobretudo bolivianos, haitianos, angolanos, senegaleses, ganenses, portugueses e espanhóis, entre outros.

Dois coisas foram cruciais ao longo do tempo: a questão do trabalho e da raça. Em 1891, o governo decretou que amarelos e negros não poderiam

entrar subsidiados pelo Estado. Se entrassem, o dono da embarcação poderia perder o alvará de funcionamento.

Além disso, na imprensa fica claro que os "bons" europeus eram os alemães e italianos, enquanto os provenientes das ilhas dos Açores e Canárias eram "ruins". Durante uma época as elites e formuladores de políticas públicas promoveram ideias eugenistas, segundo as quais uma raça era cientificamente superior à outra, estimulando um embranquecimento da população brasileira.

BBC Brasil - Quanto ao racismo, é possível identificar avanços? Como tem sido a cobertura da chegada de imigrantes haitianos e bolivianos ao Brasil, mais recentemente?

Barreto - O racismo era algo natural e aceitável no século 19, incluindo o destaque às ideias de supremacia de raças, entre 1870 até o governo Vargas. A partir da Segunda Guerra, os grupos começam a ser valorizados. Judeus, alemães e italianos no Brasil começam a recontar sua história, assim como os japoneses, depois de um momento muito difícil. Após as cartas de direitos humanos, os valores eugenistas já não são mais declarados, o que é um avanço.

Mais recentemente, o país passou a receber um número considerável de bolivianos e haitianos. Mas também chegam portugueses e espanhóis. A imprensa, no entanto, costuma destacar muito os problemas que os haitianos trazem, e rapidamente começa a ser construída uma visão de que eles são um problema. Enquanto isso, os imigrantes europeus recentes são valorizados por sua cultura e contribuição ao Brasil.

Contribuições culturais ou produtivas dos haitianos e bolivianos, que têm uma riqueza cultural enorme, dificilmente viram notícia. O racismo atual se dá pelo não dito, pelo que a imprensa omite. Quando aparecem na mídia estão atrelados a problemas, crises, marginalizações, ou ligados à ideia de uma invasão.

BBC Brasil - Apesar dos nítidos avanços no tratamento aos imigrantes na imprensa brasileira, a pesquisa identificou algum retrocesso na cobertura atual? Algo que chame a atenção?

Barreto - Há reportagens que promovem um retrocesso inacreditável, sobretudo no que diz respeito à construção da ideia de que há nacionalidades mais propensas à submissão, e não ao empreendedorismo.

No passado, após 1850, durante muitos anos a mídia rejeitou a entrada de chineses no Brasil por meio de um discurso que os comparava com escravos, sem iniciativa empreendedora como os europeus. A imprensa dizia que eles não se classificavam para os programas de imigração subsidiada pelo governo porque isso acarretaria em "escravidão amarela".

Hoje, guardadas as diferenças, a imprensa faz algo parecido com os haitianos. De acordo com algumas das reportagens analisadas, há a ideia de que eles vão ser explorados, abusados. Pede-se direitos humanos, e divulga-se uma ideia de que eles vão virar novos escravos. Você vê jornais de São Paulo relacionando diretamente os haitianos à escravidão. Numa matéria de 2014, diz-se que os brasileiros estavam escolhendo os imigrantes haitianos pela canela.

BBC Brasil - Na sua visão, a imprensa brasileira consegue dar conta do tema da imigração, incluindo a discussão de soluções e políticas migratórias, ou acaba tratando o assunto de forma alarmista, valendo-se de estereótipos?

Barreto - A imprensa parece não se preocupar com a figura do imigrante ou em discutir o tema imigração em toda sua complexidade. Sobretudo dos anos 2000 em diante, o imigrante aparece nas páginas dos jornais brasileiros como explorado, submisso ou relacionado a denúncias de violações de direitos humanos.

Em geral os novos imigrantes estão sempre sendo vistos como problemáticos na sociedade. As notícias não estão discutindo imigração, problematizando o assunto, e não se vê discussões de política migratória ou da legislação em nenhum momento.

Quando os haitianos chegaram a São Paulo, há algo nítido na cobertura da imprensa. Vê-se um esforço homérico para jogar a Prefeitura, os governos dos Estados de São Paulo e do Acre e o governo federal uns contra os outros. O foco não é a solução ou discussão do tema, mas a noção de crise.

Quando as quatro instâncias decidiram se sentar e organizar os problemas que estavam acontecendo, num encontro nacional sobre refúgio e imigração, a imprensa praticamente ignora, com pequenas notinhas e um dos grandes jornais nem registra.

Outra coisa que chamou a atenção foi o episódio do ebola, no ano passado. Quando ocorre a suspeita de uma pessoa da Guiné contaminada, todos os africanos e haitianos - que são do Caribe,

outro continente - passam a ser suspeitos e gera-se um grande debate nacional sobre a proibição da entrada dessas pessoas no país.

BBC Brasil - Suas observações não contrastam com a ideia tão difundida do Brasil como um país hospitaleiro, e do brasileiro como um povo acolhedor, famoso no mundo todo pela simpatia e boa recepção aos estrangeiros?

Barreto - Na verdade entre os pesquisadores do assunto há a noção do "mito da hospitalidade". Há uma diferença entre a maneira como nos vendemos para o mundo e a verdadeira hospitalidade a qualquer estrangeiro ou a democracia racial.

O estudo de como a imigração é retratada no país entre 1808 e 2015 mostra que a hospitalidade é seletiva, mas que essa noção sempre foi difundida, em benefício do Brasil. Esta é uma das minhas principais conclusões na tese, a de que a nossa famosa hospitalidade é um mito.

A partir de 1870, você vê nos jornais a palavra "hospitaleiro" sendo usada para algumas situações, e ao lado os discursos racistas e eugenistas claramente em posição contrária contra outros grupos de imigrantes. O brasileiro também emigra para diversos países, e nossa presença tem aumentado lá fora, mas ainda recebemos um número muito baixo de refugiados, por exemplo. Contribuímos pouco neste sentido.

BBC Brasil - Você citou um editorial do jornal Folha da Manhã, de 1926, intitulado "Fechem-se as

fronteiras". Esta seria um pouco a noção de que o Brasil enxergou durante muito tempo a imigração de forma unilateral e seletiva? Ainda vemos este discurso?

Barreto - Sim, o tema do editorial de 1926 é justamente a noção de que o país já teria recebido todos os imigrantes necessários. Já chegaram todos que nós queremos, após a vinda em massa de alemães e italianos, foi cumprida a função da imigração no Brasil. Já ocupamos e populamos o país, e agora as fronteiras devem ser fechadas e quem entrar deverá ser muito bem selecionado.

Hoje em dia a posição continua, mas travestida por outro argumento. A imprensa trabalha com o mito de que somos um país pobre, em desenvolvimento, e não temos condições de receber mais ninguém. Vamos receber somente os melhores e mais úteis. São evidências no discurso da imprensa e na visão da sociedade brasileira que contrastam diretamente com a ideia do "Brasil hospitaleiro, onde todos são bem-vindos".

No contexto atual, de crise econômica e política, há que se observar atentamente a maneira como o imigrante será retratado na imprensa, por ele ser um excelente bode expiatório para os problemas. Não tem grande chance de defesa, não está integrado ao país, é o outro, o diferente, que traz dificuldades.

Desemprego, inflação e crise tendem a tornar a visão dos imigrantes ainda mais negativa.

Fonte: <http://www.csem.org.br/index.php/csem/noticias/3807-racismo-contra-imigrantes-no-brasil-e-constante-diz-pesquisador> - 26.08.2015

Migrante ou refugiado? A importância de se definir corretamente

Mathias Boni

São milhões de pessoas atualmente se deslocando pelo mundo inteiro e uma inundação de notícias a que somos apresentados todos os dias sobre esse assunto. E nessa movimentação observa-se com frequência uma grande confusão ao empregarem os termos "refugiado" e "migrante" nessa cobertura. Estes dois institutos têm significados diferentes, e uma generalização do tratamento nessa situação pode ser muito prejudicial para ambos os casos.

Os refugiados são pessoas que fogem de seu país por situações de conflitos armados ou por sofrerem algum tipo de perseguição pessoal, seja por "raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política", conforme define o Estatuto dos Refugiados de 1951, concebido na esteira dos

acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Para essas pessoas, o perigo é urgente em seus Estados Nacionais, a única opção que eles possuem para sobreviver é fugir, e eles precisam de proteção em outro território. Apesar de o texto do Estatuto conter certas limitações, até por ter sido escrito há muitos anos atrás, conta com importantes princípios que visam à proteção dos refugiados, como o princípio do Non-Refoulement, que impede o país acolhedor de devolver o refugiado ao local onde ele esteja correndo perigo. A partir do reconhecimento da condição de refugiado, esse indivíduo passa a ser protegido pelo Estado acolhedor, pelo ACNUR e por outras organizações internacionais.

Os migrantes escolhem se mover para outro país por razões de trabalho, para melhorar sua condição financeira ou outros casos, mas não por sofrerem algum perigo de vida imediato. Os governos nacionais têm suas próprias leis de imigração e processos para receber os migrantes, e seus casos são tratados individualmente. Os refugiados normalmente se deslocam em massa, e os países lidam com sua chegada de acordo com as normas de proteção de refugiados definidos por legislação nacional e internacional, como o já citado Estatuto dos Refugiados, e com a ajuda de Organizações Internacionais, principalmente o ACNUR, braço da ONU responsável pelos Refugiados.

Por interferir diretamente na maneira como os governos locais lidam com as pessoas que chegam a seus territórios, a confusão entre os dois termos pode acarretar sérias dificuldades, principalmente para os refugiados, que requerem proteção específica, ainda mais em um momento de grande fluxo como o atual.

E a mídia tem também um papel preponderante na influência da opinião pública sobre o assunto, o que também interfere diretamente na maneira como os políticos cuidam da situação. Recentemente, o editor do site em inglês da Al Jazeera, publicou uma postagem afirmando que os textos da publicação de agora em diante só tratarão como “refugiados” os envolvidos nos acontecimentos ao redor da Europa, e causou grande repercussão. Seu objetivo é até nobre, tentando aproximar a opinião pública a se identificar mais com a questão, e ele apresenta uma série de argumentos para embasar seu ponto de vista. Por exemplo, ele diz que a palavra “migrante” se tornou corrente de uma maneira na mídia que desumaniza e banaliza as notícias de

mortos envolvidos nessa questão, no que ele tem razão.

O problema é que, quando ele tenta fazer uma aproximação afetiva das pessoas com os refugiados, ele sugere que os “migrantes” não merecem a mesma compaixão da opinião pública, como referiu Judith Vonberg, especialista da Migrants Rights Network. E vale lembrar que a migração não é algo meramente “opcional”, pois o simples fato de migrar já inclui uma série de renúncias às quais o indivíduo se submete. Ou seja, enfatizar o refugiado em detrimento dos demais migrantes é igualmente perigoso e danoso para ambos.

Para enfim esclarecer, o ACNUR indica como devem ser veiculados os acontecimentos que chocam o mundo diariamente ao redor do velho continente: “Nós usamos migrantes e refugiados ao se referir a movimentos de pessoas onde achamos que há pessoas dos dois grupos, como nos movimentos de barco no sudeste asiático. Nós dizemos refugiados quando falamos de pessoas fugindo de guerra ou perseguição cruzando uma fronteira internacional. E chamamos de migrantes quando pessoas se deslocam por motivos não elencados na definição legal de refugiado”.

O fundamental é tratarmos todos os seres humanos com dignidade, protegendo suas vidas e assegurando que os Direitos Humanos de todos sejam reconhecidos e respeitados, independente da terminologia de sua condição.

Com informações de The Independent, Migrants Rights, Al Jazeera e ACNUR

Fonte: <http://migramundo.com/2015/08/31/migrante-ou-refugiado-a-importancia-de-se-definir-corretamente/> - 31.08.2015

Facebook lutará na Alemanha contra mensagens racistas sobre refugiados

Medidas anunciadas devem agilizar tempo para apagar publicações ofensivas.. País pode receber até um milhão de refugiados em 2015.

A filial do Facebook na Alemanha anunciou nesta segunda-feira (14) novas medidas para lutar contra as mensagens racistas geradas pela chegada de milhares de refugiados ao país nas últimas semanas. O vice-chanceler alemão, Sigmar Gabriel, afirmou que a Alemanha pode receber até um milhão de refugiados em 2015.

O Facebook Alemanha anunciou em comunicado “três novas medidas para lutar contra o racismo” na rede social, entre elas um acordo com uma organização externa para controlar os conteúdos.

O ministro alemão da Justiça, Heiko Maas, explicou que o objetivo desta força-tarefa é lutar contra as mensagens de ódio. “Nossa intenção é melhorar a gestão das reclamações”, ressaltou o ministro.

Trata-se de elaborar eventuais medidas, “se possível de hoje até o fim do ano”, afirmou.

Ele pediu ao Facebook que “faça mais para que a rede social não se converta em um pátio de escola para a extrema-direita” e pediu que os comentários

racistas sejam apagados imediatamente depois de sua publicação.

A empresa norte-americana informou que apagava "discursos de ódio contra determinados grupos e também convites à violência", mas, segundo Berlim, o Facebook não reage tão rapidamente e muitas postagens passam despercebidas.

A chegada à Alemanha de dezenas de milhares de demandantes de asilo foi acompanhada por grandes manifestações de solidariedade da população, mas também por mensagens de ódio na internet.

Em um vídeo postado na última sexta-feira (11), Katrin Göring-Eckardt, figura do Partido Verde, leu

comentários ofensivos, ordens para deixar o país e ameaças enviadas nas redes sociais. "Façam com que estas mensagens desapareçam", pediu Göring-Eckardt ao Facebook em seu vídeo.

Como um sinal de boa vontade, o grupo concordou em participar de uma rede de controle de conteúdos na Internet, FSM, que incentiva os usuários a denunciarem conteúdos impróprios e conta com especialistas de língua alemã que filtram os comentários ofensivos.

Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/09/facebook-lutara-na-alemanha-contra-mensagens-racistas-sobre-refugiados.html> - 14.09.2015

ENGLISH

UN human rights chief denounces Sun over Katie Hopkins 'cockroach' column

High commissioner launches scathing attack on tabloid columnist, comparing Hopkins' migrant remarks with hate language used before Rwandan genocide

Sam Jones

The UN's human rights chief has attacked the Sun newspaper for publishing an article by columnist Katie Hopkins, branding her use of the word "cockroaches" to describe migrants as reminiscent of anti-Semitic Nazi propaganda.

In a scathing and extraordinary intervention, the UN high commissioner for human rights, Zeid Ra'ad Al Hussein, points out that the word "cockroaches" was used by both the Nazis and those behind the genocide in Rwanda, and urges the UK government, media and regulators to respect national and international laws on curbing incitement to hatred.

"The Nazi media described people their masters wanted to eliminate as rats and cockroaches," said Zeid.

"This type of language is clearly inflammatory and unacceptable, especially in a national newspaper. The Sun's editors took an editorial decision to publish this article, and – if it is found in breach of the law – should be held responsible along with the author."

But such language, he added, was typical of "decades of sustained and unrestrained anti-foreigner abuse, misinformation and distortion"

when it came to the reporting of migrant and refugee issues in the British media.

On 17 April, Hopkins – a columnist for the Sun, Britain's biggest-selling newspaper – wrote that she was resolutely unmoved by the plight of those risking their lives by crossing the Mediterranean.

Hopkins, a former contestant on the BBC1 show *The Apprentice*, and perennial courter of controversy, wrote: "No, I don't care. Show me pictures of coffins, show me bodies floating in water, play violins and show me skinny people looking sad. I still don't care."

Hopkins added: "Make no mistake, these migrants are like cockroaches. They might look a bit 'Bob Geldof's Ethiopia circa 1984', but they are built to survive a nuclear bomb. They are survivors."

The column appeared hours before a fishing vessel packed with migrants capsized off the coast of Libya, with the loss of 800 lives.

A spokesperson for the UK industry regulator, the Independent Press Standards Organisation, said: "We can confirm that there have been more than 300 complaints about the article. IPSO is investigating whether the piece breaches the Editors' Code and will publish its findings in due

course. While this process continues, it would not be right to provide a detailed response on the investigation or the broader issues it raises.”

Zeid said Hopkins’ column was far from an isolated incident, accusing the British tabloid press of consistently attacking and vilifying migrants.

“This vicious verbal assault on migrants and asylum seekers in the UK tabloid press has continued unchallenged under the law for far too long,” he said.

“I am an unswerving advocate of freedom of expression, which is guaranteed under Article 19 of the International Covenant on Civil and Political Rights (ICCPR), but it is not absolute. Article 20 of the same covenant says: ‘Any advocacy of national, racial or religious hatred that constitutes incitement to discrimination, hostility or violence shall be prohibited by law.’”

The commissioner also accused the Daily Express of seeking to whip up anti-foreigner prejudice.

“To give just one glimpse of the scale of the problem, back in 2003 the Daily Express ran 22 negative front pages stories about asylum seekers and refugees in a single 31-day period,” he said.

“Asylum seekers and migrants have, day after day, for years on end, been linked to rape, murder, diseases such as HIV and TB, theft, and almost every conceivable crime and misdemeanour imaginable in front-page articles and two-page spreads, in cartoons, editorials, even on the sports pages of almost all the UK’s national tabloid newspapers.”

But many of the stories, said Zeid, had been “grossly distorted” or subsequently revealed to be “outright fabrications”.

Although he conceded that “a similar process of demonisation” was taking place elsewhere in Europe, he said it was “usually led by extremist political parties or demagogues rather than extremist media”.

Zeid said that all European countries needed to crack down on racism and xenophobia, which, “under the guise of freedom of expression, are being allowed to feed a vicious cycle of vilification, intolerance and politicisation of migrants, as well as of marginalised European minorities such as the Roma”.

He also highlighted the fact that both the ICCPR and elements of the International Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination – both of which have been ratified by the UK and

other European countries – had sprung from a desire to avoid a repetition of the Holocaust.

“History has shown us time and again the dangers of demonising foreigners and minorities, and it is extraordinary and deeply shameful to see these types of tactics being used in a variety of countries, simply because racism and xenophobia are so easy to arouse in order to win votes or sell newspapers,” he said.

While there was a valid public debate to be had on migration and refugee issues, he said, the discussions had to be based on facts rather than “fiction or blatant xenophobia”.

Zeid added that twisted and prejudiced reporting was sapping compassion for those fleeing conflict, human rights abuses and economic deprivation, as well as those now drowning in the Mediterranean.

He said the “nasty underbelly of racism” now characterising the migration debate in more and more European countries was even skewing the EU response to the crisis.

Thursday’s emergency meeting of European leaders, he added, had focused “on deterrence and on preventing movement at all costs, [which] risks making the crisis even worse, and could sadly result in further massive loss of life”.

Zeid is the second senior UN official to criticise Hopkins. On Wednesday, François Crépeau, the UN special rapporteur on the human rights of migrants, said people such as the columnist were helping to win votes by “migrant-bashing”.

Crépeau said politicians needed to show proper leadership: “We need people who are able to say to that Sun journalist, ‘You’re wrong and you should know that.’”

Hopkins used her column in the newspaper on Friday to address her previous remarks, describing the outcry the piece provoked as a “cautionary tale”.

She wrote: “I am reminded of the power of the pen. One should be brave enough to speak out - but aware of the dangers which lurk in the depths of our vocabulary.

“No one wants to see images of children drowned at sea, no matter what their journey or their destination. The next time you are thinking of clicking on a petition, don’t be angry about words.

“Accept our opinions differ. Channel your outrage at the regimes causing people to flee. And be part of the solution.”

A Sun spokesman said neither Hopkins nor the paper would be commenting further.

Fonte: <http://www.theguardian.com/global-development/2015/apr/24/katie-hopkins-cockroach-migrants-denounced-united-nations-human-rights-commissioner> - 24.04.2015

'Migrant' hoax: The selfies that fooled the internet

An Instagram account that appeared to belong to a migrant, documenting his route from Senegal to Europe, garnered thousands of followers and global media attention. Now, it transpires, the account was a fake. BBC Trending talks to the man who mocked it up.

The account, created in the name of Abdou Diouf from Dakar, started posting selfies last week, and claimed to chart his perilous route from Senegal to Europe. The pictures showed him smiling to the camera with his "#family", and getting a haircut ahead of his big trip.

His "journey" wasn't easy, though. A later picture purported to show him on a boat, in the dark. "The only way to cross, a small inflatable boat all night rowing. Really scared," the caption reads

Eventually he appeared to reach land. "Finally the land os opportunities [sic]. We tired but happy. Very danger trip," writes "Diouf".

The account has built up more than 8,000 followers, and the comments on the photos prompted messages of derision from people who thought the journey was real. "FED UP WITH ALL YOU MILLIONS OF PEOPLE TRYING TO GET HERE, THERE IS NO PLACE FOR YOU HERE AND NO WORK, NO DREAM," said one. But plenty of commenters backed "Diouf" along the way. "Good luck bro, I wish u the best" and "may God make it easy for you," they wrote. News outlets across the web picked up on the story and reported it as genuine.

A handful of clues caused many to doubt its authenticity, however. For one thing, "Diouf" had a remarkable grip on which hashtags to use to promote his trip. Phrases like #Swag, #LovingLife, #InstaLovers and #IllegalDreamer appeared under all of his photos. And the name Abdou Diouf was borrowed from a former president of Senegal.

The account has now been revealed as a hoax by the photography blog Disphotic. It is actually an elaborate marketing campaign for a photography festival.

The man in the pictures appears to be a Spanish citizen called Hagi Toure, and all the images were shot within a few miles of the city by Tomas Pena, who was trying to promote the Getxophoto festival in northern Spain.

"We cast a bunch of people to appear in the campaign," Pena tells BBC Trending.

"It was kind of like Orson Welles' War of the Worlds," he says, referring to another famous media hoax, "but instead of using radio we used Instagram". The account was intended to make Europeans think about their attitudes towards migrants travelling to Europe from Africa, he continues. "We treat them like animals, and looking at the comments, there are some really racist comments. It's quite sad."

Though he intended to deceive people, Pena didn't think everyone would be fooled by the account. The unlikely hashtags were used on purpose. "We thought it was ironic to see him using hashtags like #RichKidsofInstagram."

Pena says Hagi Toure is actually a handball player who has lived in Barcelona for more than 10 years, and has a genuine Instagram account of his own.

Fonte: <http://www.bbc.com/news/blogs-trending-33764636> - 03.08.2015

From Calais to Kent, what is wrong with how we are talking about the migrant crisis?

Popular discourse on the current migration crisis is dangerous, divisive, and inaccurate since it describes migrants as enemies to fear rather than people to help.

Teresa Piacentini

And so it has happened. Talk of 'incursions of migrants', 'monitoring signs of migrant activity' and 'sending in the troops' is marking the latest

transformation of migrants desperately seeking a safe and better life. The present situation – largely described under the rubric 'the Calais crisis' – is

being reported in language usually reserved for actual conflicts themselves, or surveilling the enemy and awaiting the next infiltration.

But then, the plight of migrants, making rational decisions to risk their lives, has become a key global conflict of the twenty-first century. It appears as a new conflict with no obvious single enemy, but an enemy who appears to be everywhere, a conflict that has resulted from other conflicts, but which are not acknowledged as driving people to desperate measures. It is a conflict that has been moving progressively closer and closer to Europe, from the millions of displaced people on the African continent, to the tragedy of Mediterranean crossings, to the bloody scaling of high razor fences at Calais.

'Swarms' of migrants

The anti-migrant language of the most recent reporting about the present situation of migrant crossings has accelerated at an alarming pace, although perhaps with no great surprise. They have been described as "swarms" by Nigel Farage and David Cameron, only to be condemned by Labour leader hopefuls Yvette Cooper and Andy Burnham, and promptly followed up by social media links to Labour's own managed migration policy, which is hardly any more humane. The language of managed migration is at the heart of the problem, as if it is something that can be turned off like a tap. As if it refers to a homogenous thing, rather than encompassing mixed flows of people seeking family reunifications, economic migrants, unaccompanied minors, and victims of trafficking.

So what has been the political response? So far, it continues to be framed along the pull factors. On 28 October 2014, the British government quietly announced its decision to withdraw support for Mare Nostrum: "we do not support planned search and rescue operations in the Mediterranean," said Foreign Office Minister Baroness Anelay, to avoid "an unintended 'pull factor', encouraging more migrants to attempt the dangerous sea crossing and thereby leading to more tragic and unnecessary deaths." On 30 July 2015, David Cameron's take on the "swarm of people coming across the Mediterranean seeking a better life" was that they are "wanting to come to Britain because Britain has got jobs, it's got a growing economy, it's an incredible place to live." For too long this has been used as a justification of increasingly regressive immigration legislation in the UK, which has progressively stripped people claiming asylum

of any sense of value, reducing them to fully state dependent shells of their former selves.

For those that make it, Britain is not a great place to claim asylum; it is a tough place, where there are extensive restrictions on movement, consumption, employment, access to education and housing. There is plenty of evidence of the extreme conditions individuals face trying to survive life in Britain (Oxfam 2011; Scottish Refugee Council 2012). But where is the focus on the push factors? These factors drive and compel individuals to leave their 'home', their families and friends, everything that is familiar, even when it is incredibly hard. Where is the focus on foreign involvement in civil wars across the globe, including the systematic human rights violations that serve as the major push factors for refugee and migration flows to the EU from countries like Syria, Eritrea, Afghanistan, and Somalia, as well as from transit countries like Libya? Where is the global responsibility for creating conditions that have produced the present situation?

Humane solutions

At least three changes need to take place in how we talk about what is happening, how it is reported and how to respond politically. First, the focus on push factors needs to be foregrounded in policy, media and public debates, with nation states taking responsibility for contributing to the creation of impossible conditions for human beings to survive. In acknowledging our collective roles, European states will then have to also acknowledge their political responsibilities to find acceptable and humane solutions – ones that provide people with the ability to apply for asylum lawfully, and to be able to do that lawfully without having to wait in places for 10 years, as has been the legacy of the UK's asylum policies since 1999.

The second change must be a shift in thinking with regards to mobility – not as something to be feared but as something that requires organisation. As Francois Crepeau, the UN special rapporteur on the human rights of migrants, suggests, this means opening up avenues for safer mobility for both refugees and the economic migrants, coming mainly from sub-Saharan Africa to Europe, who may also have protection issues, but who are in search of a better life that is not on offer in their own countries. Their journey is often a violent and dangerous one. They too are at risk of exploitation from both people traffickers and exploitative employers.

Thirdly, there needs to be a focus on the moral imperative and a shift in the conceptualisation of migrants – and in particular migrants from Sub Saharan Africa, Syrians, Eritreans, Somalis, Afghani – from an enemy threat to be feared to people that need help. The human rights perspective must be at the centre of responses to what is happening. As Kent social services advises

it is struggling to cope with children seeking asylum, one thing is clear: the present migrant crisis will not be solved by force, or the reframing of migrants as an enemy threat. Saving lives and supporting safer mobility could and should be integral to more humane solutions to the present migrant crisis.

Fonte: <https://www.opendemocracy.net/can-europe-make-it/teresa-piacentini/from-calais-to-kent> - 20.08.2015

A 21st-Century Migrant's Essentials: Food, Shelter, Smartphone

Matthew Brunwasser

The tens of thousands of migrants who have flooded into the Balkans in recent weeks need food, water and shelter, just like the millions displaced by war the world over. But there is also one other thing they swear they cannot live without: a smartphone charging station.

“Every time I go to a new country, I buy a SIM card and activate the Internet and download the map to locate myself,” Osama Aljaseem, a 32-year-old music teacher from Deir al-Zour, Syria, explained as he sat on a broken park bench in Belgrade, staring at his smartphone and plotting his next move into northern Europe.

“I would never have been able to arrive at my destination without my smartphone,” he added. “I get stressed out when the battery even starts to get low.”

Technology has transformed this 21st-century version of a refugee crisis, not least by making it easier for millions more people to move. It has intensified the pressures on routes that prove successful — like this one through the Balkans, where the United Nations said Tuesday that about 3,000 people a day continued to cross the border from Greece into Macedonia.

In this modern migration, smartphone maps, global positioning apps, social media and WhatsApp have become essential tools.

Migrants depend on them to post real-time updates about routes, arrests, border guard movements and transport, as well as places to stay and prices, all the while keeping in touch with family and friends.

The first thing many do once they have successfully navigated the watery passage between Turkey and Greece is pull out a smartphone and send loved ones a message that they made it.

Much of the change is driven by the tens of thousands of middle-class Syrians who have been displaced by war. Such tools are by no means

limited to them, and are also used by migrants from Africa and the Middle East to Afghanistan and Pakistan.

Traffickers advertise their services on Facebook like any legitimate travel agency, with dynamic photographs of destination cities and generous offers.

On the Arabic-language Facebook group Trafficking to Europe, one trafficker offers a 50 percent discount for children under 5. The 1,700 euro price of the journey from Istanbul to Thessaloniki, Greece, about \$1,900, includes travel by car to and from each side of the border with a two-hour walk across.

“We have cars going every day,” the trafficker boasts. One user asked whether there was a family discount for multiple passengers. And in case one doubts the offer’s veracity, the post has 39 “likes.”

The Trafficking to Europe group, with 6,057 members, is merely one small corner of an entire new world of social media available to Syrians and others making the perilous journey to Europe.

Syrians are helped along their journeys by Arabic-language Facebook groups like “Smuggling Into the E.U.,” with 23,953 members, and “How to Emigrate to Europe,” with 39,304.

The discussions are both public and private, requiring an invitation from a group administrator. Migrants share photos and videos of their journeys taken on their smartphones.

The groups are used widely by those traveling alone and with traffickers. In fact, the ease and autonomy the apps provide may be cutting into the smuggling business.

“Right now, the traffickers are losing business because people are going alone, thanks to Facebook,” said Mohamed Haj Ali, 38, who works with the Adventist Development and Relief Agency

in Belgrade, Serbia's capital — a major stopover for migrants.

Originally from Syria, Mr. Ali has lived in Belgrade for three years, helping migrants and listening to their stories. At first, he said, most migrants passing through Serbia had paid traffickers for most or all of their trip.

But as tens of thousands completed their journeys, they shared their experiences on social media — even the precise GPS coordinates of every stop along their routes, recorded automatically by some smartphones.

For those traveling today, the prices charged by traffickers have gone down by about half since the beginning of the conflict, Mr. Ali said.

The only part of the journey that most migrants still pay traffickers for, he said, is the crossing from Turkey to Greece. Many migrants now feel able to make the rest of the journey on their own with a GPS-equipped smartphone and without paying traffickers.

Mr. Ali noted the popularity of Facebook groups such as “Smuggle Yourself to Europe Without a Trafficker.”

“Syrians are not idiots,” he said.

Mr. Aljasem, encountered in the park, said he kept in touch with his 21 siblings in five countries through WhatsApp, which requires only an Internet connection. Their private messaging group is called Our Family.

Once he left Syria, Mr. Aljasem said one of the first things he did was get a new smartphone, because it was too dangerous to travel with one in Syria. Soldiers at government checkpoints, as well as at Islamic State checkpoints, commonly demand Facebook passwords, he said. They look at Facebook profiles to determine one's allegiance in the war.

“If you didn't give the soldiers your Facebook password, they would beat you, destroy your phone or worse,” Mr. Aljasem said.

The technology is transforming the ways refugees and international aid agencies interact, even before the refugees enter Europe.

The Office of the United Nations High Commissioner for Refugees has distributed 33,000 SIM cards to Syrian refugees in Jordan and 85,704 solar lanterns that can also be used to charge cellphones.

“For the U.N.H.C.R., there is a shift in understanding of what assistance provision actually

is,” said Christopher Earney of the refugee agency's innovation office in Geneva.

Pawel Krzysiek, a spokesman for the International Committee of the Red Cross in Damascus, Syria, said smartphones enabled refugees to exchange information and interact with international agencies rather than just receive information passively.

“We are at the end of the social network age and are entering the social messaging age,” Mr. Krzysiek said.

When a water main broke in Aleppo in northern Syria in July, the committee helped organize a network of clean drinking-water points, and posted a map of the sites on Facebook. Mr. Krzysiek said that because of the water crisis, posts on the group's Facebook Syria page had reached 10 times as many people as regular posts about the group's activities.

According to a Facebook analytics report, the committee's map of safe water distribution sites in Aleppo was seen by 133,187 people, and received 14,683 clicks and 4,859 likes, comments and shares.

Another example Mr. Krzysiek gave was a popular Facebook page in Syria reporting real-time counts of mortar rounds falling on Damascus and maps of their locations, allowing users to avoid certain areas.

Mohammed Salmoni, 21, from Kabul, Afghanistan, who had stopped to charge his phone at a newspaper kiosk in Belgrade, credited it with saving his life.

He used it to navigate a 40-hour walk across the Afghan province of Nimruz to the Iranian city of Zahedan. “It was very dangerous,” he said.

For others, cellphones are an archive of still deeper connections.

Shadad Alhassan, 39, said he had “lost everything” when his home was bombed in Damascus, where he once worked installing electrical inverters in a skyscraper under construction.

“My wife died in the bombing,” he said. “Now I have nothing left besides my two sons.” He indicated Wasseem, 10, and Nazih, 9, sitting with him on a sleeping bag on the dirt in the park.

His smartphone held photographs, his only connection to the life he once lived.

Fonte: <http://www.nytimes.com/2015/08/26/world/europe/a-21st-century-migrants-checklist-water-shelter-smartphone.html> - 25.08.2015

Why The Debate Over Europe's Migration Crisis Is Full Of Myths

An interview with migration expert Hein de Haas.

Nick Robins-Early

Every week, The WorldPost asks an expert to shed light on a topic driving headlines around the world. Today, we speak with Hein de Haas, professor of sociology at the University of Amsterdam and former co-director of the International Migration Institute.

European nations' struggle to cope with an influx of hundreds of thousands of migrants and refugees in recent years has exacerbated a growing humanitarian crisis in the region.

The number of people seeking a better life in Europe currently shows no signs of decline. Countries including Germany and France have signaled the need to create a cohesive common policy that could address this migration, but EU leaders have so far rejected plans like spreading asylum claims throughout the union.

Hein de Haas, a professor of sociology at the University of Amsterdam and former co-director of Oxford's International Migration Institute, believes that this debate over migration is lacking a number of key facts. The WorldPost spoke with De Haas to discuss some of the myths surrounding policy making and migration.

You wrote in a blog post that “much conventional thinking about migration is based on myths rather than facts.” Could you clarify that idea?

A lot of policy making around migration is based on politics rather than a real understanding of migration. The primary aim of a lot of politicians when talking about migration is to give the public the impression that they're going tough on migration, but reactions like building a fence, deporting migrants or increasing border controls are not really based on real insight of what drives migration and are therefore ineffective.

A lot of politics is relatively fact-free in this arena, and we need to much better understand what drives migration before we can form the right policies.

We should acknowledge that to a certain extent migration is inevitable, and that saying that is not a judgment on whether migration is something good or bad, it's just a statement of fact.

Are you referring to people who are migrating because of economic reasons, or does that also include forced migration and people who would be classified as refugees?

The vast majority of migration is still economic migration and family migration. What we've seen in Europe right now -- where the issue of refugees has come to the fore -- that's still a minority of migrants coming to Europe.

The main drivers of migration are clearly economic and social, and there I think there's a failure to understand how migration works.

To give you one example, there's the myth that in order to prevent irregular border crossings we should combat smuggling. It's based on a failure to understand that the smuggling is a reaction to the border controls, and that where there is a systemic demand for labor migration or conflict in origin countries, it means that some level of migration is inevitable.

In terms of this latest period of European migration in the last few years, is there a certain type of language we should be using to describe it? It's been termed both a "refugee crisis" and a "period of forced migration."

As a matter of framing, the real crisis is not about migration or refugees. The real crisis in Europe is the incompetence of Europe to come to a common response.

With more than half a billion inhabitants, the European Union has the resources to cope with this, and can make sure that people arriving at the European border get access to asylum procedures.

These are big numbers if you are reading about a small island like Kos with tens of thousands of people arriving, but not on a European scale. And not if Europe would get its act together and show real solidarity -- not just between member states, but also towards the people arriving.

The big increase we've seen in irregular migration is clearly people fleeing conflict, with a large percentage of them Syrian. We have asylum procedures in place, we have an international legal framework in place for that. The real crisis is European impotence to respond, and it would be

outrageous if Europe can't cope with that when the vast majority of refugees are in much poorer countries like Lebanon, Jordan and Turkey.

How is this migration into the EU affecting European economies?

As far as the impact of migration, there is a lot of research on that, and it shows that migration increases GDP because migrants add to the workforce. There's very little real evidence to support the claim that migration is crowding out labor or bringing down wages.

However, various studies have shown that the effect on migration on GDP per capita and growth is very small and it is, apart from the migrants themselves, primarily businesses and the higher income earners that benefit from migration. In public debates, the negative or positive effects of migration are generally exaggerated by adversaries or proponents of migration. Migration is primarily driven by economic processes, but it's not a big economic game-changer.

It would be outrageous to suggest that migration is either the cause of structural unemployment, which is one example, or the precariousness of labor. Or, on the other hand, to propose that migration is a panacea for structural problems like aging.

What is missing from media coverage and representations of migration?

Social Media Helps Doctors in Europe's 'Slow-Moving Disaster'

Doug Bernard

For the thousands of Syrian refugees attempting to escape their war-torn nation in favor of safe haven in European nations like Germany, their needs often are simple. Food, water, clothing and diapers top the list.

And, increasingly, so do Facebook, Twitter and WhatsApp.

The importance of social media and digital communications during times of humanitarian crises has perhaps never been so much on display as it currently is in Europe, which is struggling to respond to a massive influx of refugees from Syria and the Middle East.

Migrants are using apps to keep families in contact, find transportation and shelter, and even monitor border guards' movements in real time.

What is really missing is an understanding of how the way we have reshaped societies and economies over the last decades has also changed the structure of labor demand and migration.

There is a huge incompatibility between economic policies that have very much trended towards liberalization, increasing economic openness and deregulation of labor markets on one hand and on the other hand an increasing call for less migration.

If you create societies that are wealthy, open and de-regularized, then you also create much more demand for migrant labor. These societies inevitably attract migration, and if you close the door, we know what you get -- you get more smuggling and more irregular migration because there are no legal channels to match the labor demand.

So I think that's the biggest trouble and biggest lack of understanding. There is a sort of progress in people's understanding of migration though. For instance, people increasingly realize that 25 years of fortress Europe have completely failed. People are arriving anyway, and the main result has been an increase of smuggling, suffering of migrants and the number of recorded border deaths.

This interview has been edited and condensed for clarity.

Fonte: http://www.huffingtonpost.com/entry/europe-migrant-crisis-myths-facts_55df64e5e4b08dc09486d510 - 29.08.2015

But social media and networking apps aren't just proving to be of help for those struggling on their journeys. Public health and emergency responders from the Middle East through Europe are using these digital tools to direct resources where they're most needed as quickly as possible.

Dr. Eden Wells, a clinical associate professor of epidemiology at the University of Michigan's School of Public Health, teaches about the uses and limits of social media when responding to humanitarian emergencies.

She spoke with VOA from her office in Michigan.

VOA: We're hearing a lot about how Syrian refugees are using social media to help themselves. How do public health and emergency responders use it?

Wells: I think we're a step behind the younger generations technologically, but over the last few years it has become a very important tool for us in public health – particularly for epidemiologists – because leveraging and assessing information can allow us to get a better picture of needs on the ground. Being able to access Twitter feeds or Facebook postings that allow information to be provided to public health agencies [helps] to get a better idea about what the needs are.

VOA: What is it that social media does especially well? Is it communications, or something else?

Wells: Whenever there's a crisis – and I find that this mass movement of hundreds of thousands of people from Syria into other countries is a very slow-moving disaster – what's important is that this type of information is live. It's real time, and it occurs much more quickly than our usual news feeds.

If you look at what happened after the Japanese earthquake and the megadisaster there, phone networks couldn't work at all, yet Twitter feeds and text messaging and networks that could access Facebook and Skype were able to survive quite well.

That's how survivors could communicate quickly. We could access photo images, text communications that tell us about their needs. So it's a very, very rapid type of assessment that can be gained from these kinds of social media activities.

VOA: Given how swiftly information can move, what are some of the best practices that health and emergency responders need to keep in mind when using social media?

Wells: ... Social media has incredible strengths. It's very powerful in terms of getting real-time situational awareness of what's happening on the ground in any area of crisis.

However, a limitation that we always need to be aware of is that the information could be false, or could be rumors. I wonder about this when I think about the huge crowds of migrants that showed up at the train stations in Hungary – maybe misinformation propagated via social media that there's a train heading to a particular destination. Everybody shows up, but in fact that information is false.

There's also information provided through social media that may actually manipulate the public agencies, so that critical resources such as

clothing, food and water may be diverted to the wrong place for political or other reasons. And safety is a big issue as well.

If we have people out in the field tweeting, texting, taking pictures and uploading them, they may not be looking out for their own safety and may be putting themselves in danger.

What I worry about a lot is that when you have multiple people feeding in information to various sites – whether it's Facebook or a crowd-sourcing application – you can get a lot of disorganized information. So it really requires thoughtfulness when using these tools.

VOA: Are there roles for the public in general, or in this case the Syrian refugees in particular, to play in social media? Or should they just leave it to the emergency responders?

Wells: I think that much of the information that comes from the field from those actually involved can be incredibly valuable, as long as the public health agencies or others are using the information carefully.

That's where you get real-time imaging. For example, the powerful image of the young boy who drowned went around the world within minutes and mobilized many governments to respond. For those involved on the ground, we can't expect them to follow particular rules.

I think they're going to do what they can to help themselves and share information with their loved ones. What responders can do at the governmental level is to coordinate the information from them. But I heartily encourage the use of this kind of information and activity.

VOA: What are some of the tools or techniques, would you imagine, that public health and emergency responders in Europe are using right now?

Wells: I can't speak to the many, many different countries and agencies involved, but what would be really interesting is to get the governmental information out there into the social media sphere.

For example, actively participating in the Facebook and Twitter feeds that the refugees are using to provide solid, reliable information and develop a reputation within that social media landscape – that's a big help.

If you just observe and don't participate, then I think the information won't get to where it needs to go,

which is to those people that are attempting these very difficult travels across national borders.

VOA: In general, how well prepared are emergency aid organizations in using social media and apps? And if they're not where they should be, what do they need?

Wells: Well, social media is something I only began to teach about a few years ago, and it's fairly new to many in graduate public health schools. But it's becoming a very active science at this point.

I find that as younger graduate students move into the field and governmental agencies, they're taking with them these technical skills that they're so familiar with. I know that now, with the public health agencies I work with in the U.S., it's quite common for us to use this Twitter, Facebook, or other social media accounts to access information as quickly as we can."

Fonte: <http://www.voanews.com/content/health-professionals-using-social-media-in-europe-migrant-crisis/2954260.html> - 09.09.2015

ESPAÑOL

Remezclar Europa: migrantes, medios y su representación

Vivian Paulissen

Migrante: persona que se traslada desde una región a otra de manera temporal o estable.

¿Cómo se retrata a los migrantes en los medios de comunicación dominantes en Europa? ¿Cómo afecta al imaginario del migrante, o de la Europa en la que vivimos, o a la que nos encaminamos? ¿Cuáles son los puntos de vista de los migrantes? *Remixing Europe* es una publicación que acomete el reto de responder a algunas de estas preguntas. Forma parte de "Remapping Europe", un proyecto coordinado por Doc Next Network que investiga y trabaja sobre la idea y la herramienta de la remezcla como método para rever, reconsiderar y reinventar los imaginarios dominantes sobre los migrantes que viven en las sociedades europeas.

"Uno debe ser tan cauteloso con las imágenes como con las palabras", dice Harun Farocki, uno de los grandes directores de cine europeos. No existe imagen aséptica o pura: toda imagen provoca múltiples imaginarios, gestos, pensamientos, ideas, prejuicios y puntos de vista o miradas. Tanto por su forma como por su contenido, esta publicación propone un enfoque poco convencional para deconstruir y debatir algunos de los imaginarios dominantes en Europa sobre personas migrantes, y específicamente en España, Reino Unido, Turquía y Polonia.

En esta publicación, cuatro casos de estudio particulares que han aparecido recientemente en los medios son los puntos de partida para un análisis de los contextos culturales e históricos

específicos de cada país que condicionan la percepción pública y las actitudes generales hacia las personas migrantes y la migración. Una compilación ecléctica de imágenes sacadas de medios de comunicación generalistas – material "encontrado" y aportado por las organizaciones culturales adscritas a la red Doc Next – ilustra cómo se retrata, o en algunos casos cómo se invisibiliza, a las personas migrantes en cada uno de estos países.

Las imágenes son instantáneas de la representación que se da a los migrantes: muestran cómo se les estereotipa, se les criminaliza, se les clasifica racialmente, se les cosifica, y se les somete a un discurso del odio, todo ello para negar su voz individual y su capacidad activa. Las imágenes se han separado de su contexto original para, en esta publicación, enmarcarlas y yuxtaponerlas entre sí. También se las remezcla con hechos de distintas procedencias, y con reflexiones en profundidad de periodistas, investigadores académicos, artistas y activistas. Dichos autores desenmarañan cómo en los medios de comunicación generalistas se presenta principalmente la condición de las personas migrantes como algo problemático, cuestionando así los prejuicios y asunciones existentes.

En España, el estudio toma en consideración el apremiante caso de la activista ecuatoriana Aída Quintana, líder destacada de movimientos sociales en el contexto de la crisis hipotecaria

española. En una entrevista con Juan Luis Sánchez denuncia que la mayoría de los medios de comunicación nunca se han interesado realmente en el problema añadido de la precariedad de las condiciones de los migrantes en la España de la crisis inmobiliaria. Carlos Delclós se enfrenta a los desagradables fantasmas de la representación, la raza y el post-colonialismo en los medios españoles, mientras Sami Nair redefine la condición de las personas migrantes en relación con la identidad y el mestizaje.

En Reino Unido, el Home Office (oficina homóloga a nuestro Ministerio del Interior) causó un escándalo público al lanzar en 2013 una campaña mediática contra inmigrantes ilegales, con furgonetas que portaban carteles con el mensaje: “vete a casa o serás arrestado”. Sarita Malik deconstruye el retrato de migrantes y minorías en la televisión británica y cómo la idea de “hogar” ha contribuido a acentuar tonos racistas. Jamie Bartlett examina la percepción pública de los migrantes en las redes sociales, en comparación con fuentes de noticias más generalistas, en el contexto del debate sobre la migración. David Somerset pone el foco en la perspectiva de las personas migrantes basándose en la historia del cine nacional británico, con películas icónicas de los archivos del British Film Institute.

El caso turco se centra en cómo los migrantes que se mueven en el interior del país se ven obligados a trasladarse debido a procesos de transformación urbana, siendo criminalizados y deshumanizados en la opinión pública. Las recientes protestas del parque Gezi en Estambul atrajeron una gran atención mediática sobre los movimientos de “derechos a la ciudad” en Turquía.

La cuestión de cómo la transformación urbana afecta a los migrantes del interior de Turquía es explorada por Imre Azem en un ensayo basado en el metraje de su película *Ekümenopolis* (2011). Sirrı Süreyya Önder reflexiona sobre migración y medios de comunicación en el contexto más amplio de la política de la Turquía post-Gezi. Tahribad-i Isyan, un grupo de jóvenes artistas de hip-hop procedentes de zonas afectadas por la transformación urbana, cuenta sus experiencias personales y defiende su derecho a hacer uso de la ciudad.

En Polonia, las trabajadoras domésticas ucranianas han sido mediáticamente denigradas, asociadas al sexo y la sumisión. Michał Bilewicz se ha embarcado en la polémica pública que rodea estos asuntos a través de un blog de opinión política. En esta publicación, Bilewicz explora más

profundamente el fenómeno de la dialéctica del odio en los medios polacos, y estudia las implicaciones sociales de dicho lenguaje. Krzysztof Czyzewski pone a prueba los límites de las fronteras, que particularmente en Polonia simbolizan la contradicción de sentir un cierto desgarramiento entre la Europa oriental y la occidental.

Más allá de los casos específicos de cada país, se profundiza en nociones más amplias sobre migración, raza, representación y fronteras en un capítulo más general. Fatima El-Tayeb nos anima a confrontarnos a ideas reveladoras sobre la actitud europea hacia “la otredad”. Daniella Berghahn nos guía a través de la evolución del cine de la diáspora y las representaciones de migrantes en el cine europeo. Y, por último, Abu Ali imagina posibles imaginarios de fronteras y migración.

Esta publicación no pretende, desde luego, exponer un punto de vista o una conclusión definitiva en relación con el imaginario sobre las personas migrantes en Europa y en los medios de comunicación europeos. El imaginario es un fenómeno complejo que está siempre en construcción. Está fuertemente enraizado en la opinión pública, que tanto moldea como es moldeada por un panorama de medios siempre cambiante, en el que los consumidores de medios de comunicación se han convertido también en sus productores. Al mismo tiempo, tanto dentro como fuera de las fronteras físicas del continente, no existe una noción común de lo que significa “Europa”.

El acto de migrar es una especie de borrón en el mapa: no está sujeto a ningún lugar, se basa sólo en el movimiento y en la transgresión de fronteras. Se tiene que dar por sentado que las fronteras son entidades construidas, dibujadas sobre un mapa. En todo caso, para poder, al menos mentalmente, reconfigurar y reinvestigar nociones sobre la frontera – para “remapear” – debemos reconocer diferentes interpretaciones de “localidad”, de “región” o de “hogar”.

Debemos incluir las perspectivas personales de la gente que migra, y no rehuir las realidades del complejo legado europeo de migración y colonialismo. Sólo entonces podremos abordar la frontera no como una línea fija, sino como una entidad cambiante producida por nuestra propia imaginación, y que genera su propio imaginario. A lo largo de toda esta publicación, citas de jóvenes migrantes en Europa con los que la Doc Next Network trabaja dan fe de ello: aportan comentarios sugerentes sobre los temas tratados en el estudio, y crean una perspectiva alternativa a las

generalizaciones sobre personas migrantes comunes a todos los medios de comunicación dominantes europeos.

Mediante este intento de remezclar el imaginario dominante sobre personas migrantes con nuevas perspectivas, ¿revela esta publicación una nueva perspectiva de la propia Europa? Puede ser. En todo caso, y sobre todo, *Remixing Europe* es un documento que contribuye al archivo vivo que es Europa. Es relevante como referente dentro de los discursos más amplios de la Europa contemporánea, sus habitantes, sus viajeros y sus

medios de comunicación. Es relevante no sólo como documento periodístico, académico o creativo, sino como una remezcla de todos estos enfoques. Y es relevante también como remezcla, en que destaca perspectivas diversas e inclusivas sobre las personas migrantes, la migración, y Europa.

*Nota: La publicación *Remixing Europe* ha sido producida por la Doc Next Network y editada por Vivian Paulissen, Rubén Díaz y Thomas Roueche.*

Fonte: http://www.eldiario.es/desalambre/Remezclar-Europa-migrantes-representacion-imaginario_0_237976533.html - 12.03.2014

La foto del chico sirio muerto conmociona al mundo

Escapaba de la guerra y apareció tirado hoy sobre la arena cerca de la ciudad balnearia de Bodrum, uno de los principales destinos turísticos de Turquía.

La foto de un chico sin vida tirado en una playa de Turquía tras el naufragio de dos botes con sirios que huían de la guerra conmocionó hoy profundamente al mundo, reflejando como quizás ninguna otra imagen hasta ahora el drama y la tragedia que persiguen a los refugiados y la fatal inacción europea.

El cadáver del chico, que según los medios turcos tenía tres años y se llamaba Aylan Kurdi, estuvo tirado boca abajo sobre la arena cerca de la ciudad balnearia de Bodrum, uno de los principales destinos turísticos de Turquía, ante de ser recogido por la policía, y fue fotografiado por la agencia de noticias turca Dogan.

El hashtag en turco "#KiyiyaVuranInsanlik" ("La Humanidad Varada") se convirtió en el trending topic número uno de Twitter a nivel mundial, y la imagen del niño, vestido con remera roja, shorts azules y zapatillas, fue extensamente compartida en esa y otras redes sociales.

"La desgarradora imagen que muestra la verdadera tragedia de la crisis de refugiados", rezaba un titular en la portada de mañana del diario británico Daily Telegraph, mientras que el también británico The Guardian escribió que la foto "trajo a casa" el horror de la problemática.

La edición del Reino Unido del diario The Huffington Post escribió en su portada: "Hacé algo, David", en alusión al primer ministro británico, David Cameron, que se ha mostrado contrario a recibir a los refugiados.

La imagen apareció también en las páginas de Internet de los diarios españoles El País, el Mundo y El Periódico, que tituló en su portada: "Ahogados en el sueño europeo". En Italia, el diario La Repubblica tuiteó la imagen con la leyenda: "Una foto para silenciar al mundo". Según diarios turcos, el chico es uno de los 12 refugiados sirios que murieron hoy tratando de llegar a Grecia en botes que se hundieron en aguas turcas.

La Guardia Costera turca dijo que los dos botes naufragaron luego de salir por separado desde la península turca de Bodrum hacia la isla griega de Kos, en el mar Egeo.

Los cuerpos de los 12 refugiados, entre ellos los de cinco chicos y una mujer, fueron encontrados en la playa o flotando en el agua, mientras que otros 15 fueron rescatados, algunos de ellos tras haber llegado a la costa con salvavidas. Según medios turcos, el niño tenía 3 años y se llamaba Aylan Kurdi. Su hermano, de 5 años, también pereció en el accidente.

Fonte: http://www.clarin.com/mundo/chico-sirio-muerto-conmociona-mundo_0_1423658065.html - 02.09.2015

Los refugiados de Africa y Medio Oriente ya tienen su sitio web de alojamiento

Nacido en Alemania, Refugees Welcome es una suerte de Airbnb para aquellos ciudadanos que se ofrezcan a alojar en sus casas a personas que huyen de países en conflicto.

Frente a la lenta reacción institucional en la dramática crisis migratoria que vive Europa, algunos ciudadanos demuestran su capacidad de respuesta y su solidaridad e internet les sirve de aliado. El portal alemán Refugees Welcome es un buen ejemplo de ello. Apodado como "el Airbnb de los refugiados", sirve de plataforma para aquellos ciudadanos que quieren ofrecer su hogar para acoger a personas que huyen de sus países en guerra.

El proceso comienza de forma similar a otros sitios online, eso sí, en este caso con una mecánica totalmente altruista. El usuario debe darse de alta y rellenar un completo formulario, donde, además de datos personales básicos, se le pregunta por otra información relevante como su ocupación, la disponibilidad en el tiempo de la habitación o si tiene experiencia en proyectos de cooperación similares.

A partir de ahí, una organización externa que trabaje con refugiados en la misma localidad buscará la persona que mejor se ajuste y una vez encontrada, Refugees Welcome sirve de enlace. Después, el portal ofrece asesoramiento y soporte

durante todo el proceso y mientras dura la estancia. Por ejemplo, también para obtener ayudas públicas para cubrir parte de los gastos o conseguir respaldo económico a través de microdonaciones de familiares o conocidos.

Los cofundadores de Refugees Welcome, Jonas Kakoschke y Mareike Geiling, de 31 y 28 años, fueron los primeros en hospedar en su casa al primer refugiado. Fue en diciembre de 2014. Desde entonces, en su web afirman haber encontrado un hogar temporal a más de 134 personas (82 en Alemania y 52 en Austria) procedentes de países como Afganistán, Siria o Somalia.

Según recoge el diario The Guardian, desde el grupo aseguran "estar abrumados" por la cantidad de gente dispuesta a ayudar en estas semanas y están recibiendo consultas de diferentes países europeos y también desde EEUU y Australia.

Por el momento solo está disponible en Alemania y Austria aunque piensa expandirse a más países. Un enlace en la misma página web está pensado para aquellos que quieran ayudar en este proceso.

Fonte: http://next.clarin.com/tech/refugiados-web-alojamiento_0_1424257868.html - 03.09.2015

La inmigración que nos invade, algo que se pudo evitar (I)

Cuando estudiaba el curso de Estado Mayor, durante los cursos 90-91 y 91-92, hubo un grupo de trabajo que llegó a la conclusión, refiriéndose a Marruecos, de que la presión migratoria desde ese país iba a ser muy fuerte.

Luis Sáiz Sáiz

Los medios de comunicación actuales nos bombardean con el flujo constante de inmigrantes que llaman a nuestras puertas o, mejor dicho, entran sin llamar buscando un mundo mejor al que tienen en sus países. Si nos fijamos un poco -nada de esto es totalmente nítido a pesar de los análisis y estudios-, y nos concretamos inicialmente en lo que afecta a España e Italia, veremos que un pequeño flujo viene de la zona del Oriente Próximo y Oriente Medio, mientras que el más importante, hasta ahora, proviene del África, siendo el grupo más numeroso de estos africanos el que proviene de países que se encuentran al sur del desierto del Sahara o limítrofes con el mismo. Es lo que hoy día se ha dado por llamar el Sahel.

¿Es esto inevitable o, mejor dicho, ha sido evitable? Cuando el que esto escribe estudiaba el curso de Estado Mayor, durante los cursos 90-91 y 91-92 hubo un grupo de trabajo que llegaba a la conclusión, refiriéndose a Marruecos, de que la presión migratoria desde ese país iba a ser muy

fuerte, debido a la diferencia de desarrollo económico de ambos países, por un lado, y a un índice de natalidad tan alto que en esos momentos había en Marruecos y al paupérrimo que en aquel entonces ya había en España, por otro.

El problema era similar al que tenemos en Física cuando nos encontramos dos soluciones de distinta concentración separadas por una vejiga. El soluto de más concentración tiende a pasar, y pasa tarde o temprano, al de menos concentración a través de la vejiga hasta llegar a equilibrarse. La manera de evitar que esto ocurra, y por ahí iba la propuesta de solución, era disminuir la concentración del más alto, esto es, ayudar al desarrollo económico de Marruecos, o aumentar la concentración del más bajo, esto es, incrementar el índice de natalidad de España o una combinación de ambas.

Otra solución consiste en poner un muro entre ambos solutos pero, dado que ello es como poner puertas al campo, dicha solución no se

contemplaba. Desde entonces ya ha llovido, pero ¿qué se hizo con esa propuesta? Además, creo que esta solución es extrapolable a otros países más o menos vecinos y que, por desgracia, no son siquiera ni del tercer mundo.

Volviendo al tema de los países del Sahel (Chad, Mauritania, sur de Libia (ya hablaremos más de ella), Etiopía, Somalia, Eritrea, Nigeria, Sudán, Sudán del Sur y Senegal), tienen en común que pertenecen a ese gran espacio geoestratégico que se ha dado en llamar el Sahel. Pero, desgraciadamente, también participan de algo más y que es de donde les viene la parte más importante de sus males.

Anteriormente fueron colonias europeas y, como consecuencias de los acuerdos entre Franklin Roosevelt y Winston Churchill, el Reino Unido se comprometía a dar la autonomía a sus colonias imperiales. Terminada la Segunda Guerra mundial, durante los años sesenta y setenta hubo una carrera por emancipar las colonias de todos los países que las tenían con el apoyo y casi exigencias de las Naciones Unidas para alcanzar tal logro.

En pocas palabras, se dio carácter de mayoría de edad a unos países que bajo ningún aspecto estaban preparados para ello, dicho de otra manera, se hizo rápidamente y mal. Las fronteras trazadas artificial y arbitrariamente por las potencias europeas durante el siglo XIX fueron muchas de ellas discutidas por los nuevos dirigentes, siendo aún motivos de frecuentes conflictos entre los países. Juntos con lo anterior, las diferencias raciales y tribales siguen siendo motivos de continuas luchas e inestabilidad. Si nos fijamos y estudiamos sus infraestructuras de comunicaciones, sanitarias, económicas, etc., podemos concluir que durante los años de la metrópoli se hizo más que en los últimos sesenta años y, en otros casos, están peor ahora que como les dejaron en el momento de la independencia.

Junto a lo anterior, muchos de ellos son casi estados fallidos, con lo que el control que estos estados tienen de su población es mínimo, ya que el grado de vertebración social y físico logrado por las metrópolis era mucho mayor que el que podemos observar hoy día. No resulta, pues, extraño que la población quiera marcharse a las antiguas metrópolis y consiga salir del país por esa falta de control que tienen de sus fronteras y ciudadanos.

De aquellos polvos estos lodos o, dicho de otra manera, cuando eran colonias vivían menos mal o

la descolonización debería de haberse hecho dos generaciones más tarde de lo que se hizo. Pero por qué se tenía tanto interés en descolonizar rápidamente y antes de que realmente fueran mayores de edad no es asunto de este artículo; aunque se tenía interés y el llamado informe Kissinger puede explicar esto, y la extraña «descolonización» de la Guinea Española y el Sahara (que por cierto no eran colonias sino provincias) y lo que pasó en la rarísima guerra de los Grandes Lagos (Ruanda y Burundi entre hutus y tsusis) que luego se propagó al Congo Belga...

Retomando el símil de los solutos, nos encontramos con un problema no menor, y es que hemos roto la vejiga que separaba los solutos o, si queremos, hemos dado un puntapié a la puerta que controlaba la inmigración hacia Europa, pues no de otra manera puede describirse lo que hemos hecho con Libia, convirtiendo a este país en otro estado fallido.

Cuando se inicia la llamada Primavera Árabe en el 2010, en ciertos países, muchos de los cuales no son árabes – Libia, Túnez, algo en Argelia y en Marruecos por ejemplo-, se nos vende algo que no tenía nada de espontáneo -pues estaba incitada por Occidente- y que no produjo ningún tipo de brote primaveral, sino que supuso, en lo que a Libia nos afecta, la caída de Gadafi, una auténtica sangría humana y destrucción del Estado en los dos grandes núcleos que ya existían antes de que éste se hiciera con el poder.

La caída de este dictador, como todos los que hay en una mayoría países musulmanes aunque tengan el título de rey o emir, fue aplaudida hasta con las orejas por todos los medios de comunicación de nuestro entorno y por los gobiernos correspondientes. Me encontraba en esos momentos destinado en el Mando de Operaciones del Estado Mayor de la Defensa, y me acuerdo que, en una de nuestras charlas cotidianas, comenté al J-2, responsable de Inteligencia (entonces un coronel DEM del Ejército del Aire) de dicho mando, que esperaba que Francia e Inglaterra tuvieran un relevo adecuado para Gadafi, dado su empeño en derrocarlo, ya que para tener embridado ese país, como casi todos países musulmanes, se necesita un dictador y ni siquiera todos los dictadores son válidos; es una pena tener que reconocerlo, pero para que lo que nosotros llamamos democracia llegue a la mayor parte de los estos países tiene que pasar mucha agua bajo los puentes, como gusta decir a nuestros vecinos del norte de los Pirineos.

No debemos olvidar que Francia e Inglaterra se emplearon a conciencia para lograr la caída de Gadafi, y España, en una operación bendecida por la OTAN, coadyuvó sin emplearse en los ataques aéreos pero participando en el aislamiento de la zona de operaciones.

Aquí hay que volver a citar a nuestros mayores, «de aquellos polvos estos lodos. Sólo cabe preguntarnos qué ha ganado España, qué han ganado Francia, Inglaterra e Italia. Como diría el castizo: los experimentos con gaseosa y en laboratorio.

Fonte: <http://www.abc.es/toledo/ciudad/20150901/abci-articulo-luis-saiz-201509011300.html> - 05.09.2015

“Medios de comunicación son los que más discriminan a los migrantes en Chile”

La discriminación contra las comunidades migrantes, no parte en los medios de comunicación, sino en la propia Ley Migratoria. Pero los medios tienen una gran labor, pues ellos contribuyen a la formación de la opinión pública.

Camila Bustamante

Más de 200 personas asistieron a la séptima versión del Seminario Comunicación y Pobreza realizado el jueves 6 de septiembre en la Biblioteca Nicanor Parra de la Universidad Diego Portales (UDP). Con el objetivo de presentar los resultados de la encuesta “Ser migrante en el Chile de hoy”, la Alianza conformada por la UDP, América Solidaria, Avina, Hogar de Cristo y la Fundación para la Superación de la Pobreza (FSP) intentaron dar una visión sobre cómo viven las comunidades de migrantes en situación de pobreza en la Región Metropolitana.

Fueron evaluados más de 600 casos de migrantes de Perú, Ecuador, Colombia, Bolivia y Haití fueron considerados para el estudio realizado por la Alianza y la empresa Feedback, que además de mostrar sus motivaciones para estar en Chile, su calidad de vida y oportunidades, mostró si ellos se sienten discriminados por los chilenos y cómo evalúan el tratamientos de su imagen en los medios de comunicación.

En busca de un futuro mejor

Según el estudio realizado, el 56.5% de los encuestados señaló que el principal motivo que lo trajo a vivir a Chile fue la búsqueda de mejores oportunidad, siendo para más del 70% su primera opción en cuanto a destino. Un dato novedoso que surge es que en esta búsqueda, un porcentaje mayoritario de los migrantes se instala en el país junto a su familia. Por otro lado, aquellos que vinieron solos, envían gran parte de sus ingresos a sus países de origen.

Más del 80% de los migrantes encuestados trabaja de manera remunerada, y consideran en su mayoría, que su situación económica en el país es regular pero mejor que la que tenían antes de

llegar a Chile. Esto concuerda al momento de evaluar su grado de satisfacción respecto al acceso a oportunidades laborales, servicios públicos, sociales, etc. “El mercado del trabajo regulado o no, funciona mejor que las políticas estatales”, comenta Leonardo Moreno, Director Ejecutivo de la FSP, quien mostró que los índices de satisfacción eran más bajos en servicios como acceso a la vivienda, salud pública, educación pública y beneficios municipales, siendo estos dos últimos los peor evaluados.

Según las conclusiones del estudio “Ser migrantes en el Chile de hoy”, los encuestados “han logrado armar una vida y estructura familiar y económica en Chile”, que cumple con sus expectativas iniciales y es mejor a la que tenían antes de llegar al país, pero esto se ve empañado sobre todo porque no logran estándares de bienestar ni integración en la sociedad chilena, demostrado en la discriminación que sufren.

“Los gringos de Latinoamérica”

“Sienten que no reciben el trato que ellos merecen”, dijo Andrés Sherman, Académico de la UDP, al hablar sobre la percepción que tienen los migrantes sobre cómo se les trata en los medios de comunicación chilenos. Si bien, en la encuesta, la mayoría dijo no sentirse discriminado, una cifra por sobre el 40% afirmó lo contrario. “La mayor dificultad al llegar a Chile es la cultura y las costumbres, los chilenos se creen los gringos de Latinoamérica”, comentó Leonardo Moreno de la FSP, y planteó la pregunta sobre si esta discriminación estaba llegando también a las familias.

“Se les estigmatiza” comentó Sherman, Académico de la UDP, quien además mencionó que sobre el

57% de los encuestados considera que “los medios de comunicación suelen generalizar las malas acciones de algunas personas y aplicárselas a toda una nacionalidad”. Según el estudio, esta situación es más notoria con migrantes bolivianos y peruanos. Por otra parte, tampoco se reconocen los aportes que realizan al país.

“Los medios de comunicación chileno están haciendo un daño psicológico tremendo a la sociedad de Haití”, comentó Adneau Desinord, Presidente de la Organización Sociocultural de Haitianos en Estación Central. Según Adneau, la estigmatización de pobreza que presentan los medios “afecta incluso la remuneración de los trabajos”, la búsqueda de arriendo y el acceso a servicios públicos por parte de esta comunidad.

Por otra parte, según Alberto Luengo, Ejecutivo de Copesa y Paula Coddou, Editora de la Revista El Sábado, existen normas de estilo que deberían ayudar a que no exista esta discriminación, como por ejemplo no darle tanto énfasis a la nacionalidad si es que esto no es un aporte real para la comprensión de la noticia. Pero aún así, los medios de comunicación se encuentran en deuda con los migrantes.

El desafío de los medios

La discriminación contra las comunidades migrantes, no parte en los medios de comunicación, sino en la propia Ley Migratoria según Adneau Desinord y Gastón González, Director del Servicio Jesuita Migrante. Pero los medios tienen una gran labor, pues ellos contribuyen a la formación de la opinión pública.

El mayor problema según Verónica Franco, Periodista de la Radio Cooperativa es que se pasa de la individualización a la discriminación, cayendo en las estigmatizaciones. “Estamos conscientes de que este es un tema que hay que tratar”, comentó Alberto Luengo, Ejecutivo de Copesa, y agregó que “se mira desde la superioridad a los migrantes”.

“El desafío es tener un vocabulario respetuoso para hacer un periodismo de calidad”, comentó Paula Coddou, Editora de El Sábado, ya que a través del lenguaje, los medios de comunicación pueden construir realidades positivas o negativas para sectores de la sociedad. Además, dijo que no hay que caer en “esa cosa paternalista que también es mala”. En esto concuerda con el Presidente de la Organización Sociocultural de Haitianos en Estación Central, Adneau Desinord, quien mencionó que se suele mostrar la ayuda que Chile entrega en su país, abusando de las imágenes de pobreza, pero “primero deberían ayudar a los haitianos que están en el territorio (chileno)”

Los medios de comunicación terminan mostrando la discriminación contra los migrantes, pero a la vez generan una visión discriminatoria en la sociedad. Para revertir esta situación, “el trabajo hay que empezarlo de las bases” comentó Adneau Desinord, quien exhortó a las escuelas de periodismo del país a cambiar la mirada, pues “el problema está en la formación del periodista”.

Los datos de la encuesta “Ser migrante en el Chile de hoy” se puede descargar de la página web de la Alianza <http://www.comunicacionypobreza.cl/>.

Fonte: <http://opinion.lasegunda.com/sociedadanonima/medios-de-comunicacion-son-los-que-mas-discriminan-a-los-migrantes-en-chile/>

06.09.2015

Refugiados, migrantes y manipulación mediática

Sylvia Koniecki

Durante los últimos días, en Europa se ha desarrollado una corriente de empatía y solidaridad hacia la situación de las personas refugiadas que intentan acceder a países que garantizan plenamente el asilo, debida fundamentalmente a la dureza de las imágenes que hemos podido ver en medios de comunicación y redes sociales, y que han culminado con las fotografías de un niño sirio ahogado. No cabe duda que es emocionante ver a la ciudadanía reaccionar contra las actitudes xenófobas y las políticas migratorias excluyentes, dando la bienvenida a familias refugiadas e incluso brindando un rincón de sus casas para acogerlas. Desde personas a título individual, ONGs,

colectivos profesionales e instituciones públicas y privadas se han planteado iniciativas -más o menos realistas, más o menos simbólicas- con la idea de ayudar a quienes se encuentran desamparados y arriesgan sus vidas para escapar de la barbarie.

Existen fotografías icónicas que han hecho, a lo largo de la Historia, que tanto la clase política como la ciudadanía despierten sus adormecidas conciencias, sacudidas por el poder y la violencia de ciertas imágenes brutales. Pero no es menos cierto que la barrera que separa la información del morbo y el amarillismo es a veces demasiado sutil y que, hoy en día, el efecto multiplicador de las

redes sociales puede, a golpe de clic, convertir lo que es un terrible drama humano en la última novedad mediática de usar y tirar, en un trending topic que será reemplazado por otros en días o semanas, dejando un rastro de reacciones emocionales que se diluirán en el caos de sobreinformación que nos rodea.

Ante los titulares que se regodean en el estado de putrefacción de los cadáveres encontrados en el camión austriaco y la reproducción insistente de las fotografías del cuerpo del pequeño Aylan, poco impacto producen ya las noticias de naufragios diarios con cientos de víctimas. Y ante esta realidad, es inevitable preguntarse qué ocurrirá cuando este tipo de informaciones dejen de copar los titulares en las noticias, qué imágenes volverán a despertar nuestro dolor, nuestra indignación, y sobre todo, qué hará falta para que reaccionemos y ofrezcamos nuestra ayuda activa para paliar el sufrimiento de quienes se ven obligados a emprender estos desplazamientos forzosos.

Por otro lado, hay un aspecto aún más preocupante que estamos advirtiendo, como es la distinción nada inocente que se está haciendo entre inmigrantes y refugiados. En los medios de comunicación, las redes sociales e incluso en algunas campañas de promoción de la solidaridad con los exiliados están apareciendo muchas voces que insisten en diferenciar a las personas refugiadas de los demás inmigrantes, justificando las muestras de apoyo con los primeros por el hecho de que huyen de situaciones de emergencia, que no tienen la intención de quedarse en Europa y que no vienen atraídos por el estado de bienestar. Es evidente que las características de vulnerabilidad y riesgo de quienes sufren persecución (no sólo en situaciones de guerra, sino también por cuestiones étnicas, religiosas, o de orientación sexual) les hacen acreedores de una protección especial, pero ello jamás puede ir en detrimento de los derechos de aquellas personas que buscan para sí mismas y para sus familias un futuro mejor.

Los llamados “inmigrantes económicos” no abandonan sus países de origen por gusto, o con la idea de vivir de recursos públicos, usurpar

puestos de trabajo o acceder a los lujos consumistas que supuestamente ofrece un país desarrollado. La gran mayoría de las personas que emprenden un camino tan traumático como incierto buscan, legítimamente, acceder a un nivel de vida digno que les aleje de la pobreza, la miseria y la falta de expectativas de futuro, y en ningún caso podemos criminalizarlas o tacharlas de oportunistas respecto a aquellas que se ven obligadas a escapar de la destrucción y la persecución.

No es casualidad que esta distinción aparezca en una Europa cuyas políticas migratorias tienden a no reconocer el derecho a migrar: políticas que se niegan a permitir la regularización de personas indocumentadas que no sean solicitantes de asilo, condenándolas a vivir en la clandestinidad, bajo la constante amenaza de ser detenidas, encerradas en un CIE y expulsadas a sus países de origen. Debemos mantenernos alerta para evitar que la obligación de reconocer los derechos de los refugiados constituya la coartada perfecta para recortar aún más los derechos de las personas inmigrantes, propiciando de paso que la opinión pública se posicione en contra de quienes se ven empujados a salir de su país en busca de una mejora en sus condiciones de vida.

Es importante recordar que, además del derecho a migrar, también se ve vulnerado el derecho a no hacerlo. Cuando no existe esa posibilidad, la emigración es el único destino al que estás abocado, aunque tengas que poner tu vida en manos de traficantes de seres humanos, ser víctima de vulneraciones de derechos como las devoluciones en caliente o permanecer retenido en un Centro de Internamiento de Extranjeros a pesar de no haber cometido delito alguno. No permitamos que la legítima e ineludible preocupación por la situación de las personas refugiadas nos haga olvidar que también tenemos la obligación de reconocer y garantizar los derechos fundamentales de las personas inmigrantes.

Sylvia Koniacki es presidenta de Andalucía Acoge

Fonte: <http://blogs.elpais.com/migrados/2015/09/refugiados-migrantes-y-manipulacion-mediatica.html> - 11.09.2015

ITALIANO

Come ti confeziono l'immigrato: i media italiani e l'immigrazione

Khalid Chaouki

"Romeno violenta turista e la prende a bastonate".

"Rapita e stuprata dall'ex convivente marocchino".

"Zingaro pendolare del crimine: dal campo nomadi alle case del Brenta".

Sono solo alcune delle frasi che i media utilizzano per enfatizzare la matrice straniera di questi reati. Un'indagine ha analizzato, su di un arco temporale di quattro anni (dal 2005 al 2008), il contenuto di tre testate nazionali (quali il Corriere della Sera, Il Giornale, La Repubblica), da cui è emerso, in estrema sintesi, che la carta stampata parla tanto degli stranieri ma lo fa esclusivamente in termini di problematicità sociale.

È stato riscontrato che, nel periodo considerato, il numero di articoli pubblicati dalle tre testate sull'argomento in questione è stato imponente (11.426 articoli). Tra i temi trattati troviamo soprattutto cronaca criminale e questioni di giustizia penale; nella maggior parte dei casi, infatti, si tende a sottolineare l'aumento della delinquenza e l'allarme sociale, associando il tutto ai flussi migratori; senza tener conto che i fatti di cronaca concernono, nel 70% dei casi, immigrati non regolari.

Dall'analisi è emersa anche la differenza nel trattamento mediatico della delinquenza straniera da quella italiana, con una netta maggioranza nell'enfatizzazione della prima rispetto alla

seconda; e la quasi totale mancanza di articoli in cui si evidenziava la nazionalità di chi, invece, aveva compiuto una buona azione, a favore della società.

Eppure negli anni precedenti anche gli italiani sono stati un popolo di migranti, una comunità che molto ha sofferto gli stereotipi razzisti negli Stati Uniti come in Sud America, la difficoltà d'integrazione della nostra comunità è stata resa più acuta anche a causa di una comunicazione mediatica negativa.

I mezzi di comunicazione, è noto, riescono ad influenzare e talvolta distorcere la percezione della realtà, per questo sono dei mezzi potentissimi nella costruzione del senso comune.

Anche per questo, la Fondazione Leone Moressa organizza, giovedì 29 gennaio alle ore 16.30 un convegno dal titolo significativo: "Il valore dell'immigrazione: Conoscere il contributo economico dell'immigrazione per combattere stereotipi impropri", proprio per analizzare lo stretto rapporto che intercorre tra i media e la percezione dell'immigrazione nel suo complesso.

Per partecipare è necessario inviare una mail entro il 23 gennaio 2015 al seguente indirizzo:

info@fondazioneleonemoressa.org

Qui maggiori informazioni sul convegno

Fonte: http://www.huffingtonpost.it/khalid-chaouki/confeziono-immigrato-media-italiani-immigrazione_b_6515080.html - 21.01.2015

Cibo, rifugio e uno smartphone: così la tecnologia rivoluziona l'immigrazione

Biagio Simonetta

Su una panchina sgheba di Belgrado, dove i segni della guerra sono ancora vivi, Osama Aljasem, 32enne siriano e insegnante di musica, controlla Google Maps per studiare i prossimi spostamenti. Poi li comunica ai suoi amici, via WhatsApp, e intanto su Facebook controlla le rotte e i suggerimenti di chi lo ha preceduto. È l'immigrazione 2.0, dove fra i bisogni primari, insieme a cibo e rifugio, sono subentrati uno smartphone e una presa elettrica per caricarlo.

Lo racconta il New York Times, in un lungo reportage fra i profughi siriani e iracheni che - a migliaia negli ultimi giorni - hanno scelto la rotta balcanica per entrare in Europa. Un racconto dal quale emerge con forza la capacità della tecnologia

di cambiare il mondo, anche nei suoi angoli più bui e dolorosi.

«Ogni volta che vado in un Paese nuovo, compro una scheda SIM e attivo Internet per navigare sulle mappe», racconta Aljasem al New York Times, aggiungendo che non avrebbe mai potuto arrivare a destinazione senza il suo smartphone e che una delle cose che lo preoccupano di più è «quando la batteria inizia a scaricarsi».

Lo smartphone, insomma, bene primario. Soprattutto se a migrare è il ceto medio, come sta succedendo in Siria. Grazie alla tecnologia mobile gli spostamenti sono più semplici, e la condivisione delle rotte, le soffiare su eventuali pericoli, le notizie sugli arresti, i movimenti delle guardie di frontiera, i

luoghi migliori dove poter soggiornare e i relativi prezzi, facilitano il passaggio di chi viene dopo di te. E non è un caso che a pagare questo tipo di progresso siano soprattutto i trafficanti: «In questo momento, i trafficanti stanno perdendo affari perché la gente sta andando da sola, grazie a Facebook», ha detto Mohamed Haj Ali, 38 anni, membro del gruppo del soccorso migranti a Belgrado. Sul social network di Zuckerberg, come su WhatsApp, esistono veri e propri gruppi dove ognuno posta la sua esperienza e i suoi consigli.

Per questo migliaia di persone hanno già iniziato a muoversi in autonomia alla volta dell'Europa. L'unica parte del viaggio lungo la quale i migranti hanno ancora bisogno dei trafficanti è la traversata dalla Turchia alla Grecia. Il resto è a portata di chiunque abbia uno smartphone con Gps. I trafficanti, da parte loro, rispondono abbassando i

prezzi del 50%, creando campagne pubblicitarie su Facebook con tanto di foto, quasi fossero agenzie di viaggio. C'è chi offre uno sconto del 50% per i bambini sotto i 5 anni. Un viaggio da Istanbul a Salonicco viene proposto su Facebook a 1700 euro. Sempre su Facebook, il gruppo in lingua araba "Come migrare in Europa" ha circa 40mila fan, ma sono decine i gruppi del genere. E che la tecnologia sia entrata prepotentemente nelle rotte dei migranti lo dicono anche i numeri: l'ufficio dell'Alto Commissario delle Nazioni Unite per i Rifugiati ha distribuito 33.000 schede SIM ai rifugiati siriani in Giordania e 85.704 piccole lampade che possono anche essere utilizzate per ricaricare i cellulari. Perché la Rete è una necessità primaria, specie in questi contesti.

Fonte: <http://www.ilsole24ore.com/art/tecnologie/2015-08-26/cibo-rifugio-e-smartphone-cosi-tecnologia-rivoluziona-immigrazione-113136.shtml?uuid=ACEOF1m> - 26.08.2015

Le bufale sui migranti e l'odio come business

Marco Furfaro

"Immigrato violenta bambina di 7 anni. Il padre gli taglia i testicoli e glieli fa ingoiare".

Leggi un titolo così e il cuore ti finisce in gola. Una cosa atroce. Scorri l'articolo e diventa ancora peggio: racconta la storia di una violenza sessuale su una bimba di Catania, fatta davanti agli occhi del fratellino di 12 anni, da parte di un immigrato. Il fratellino riesce poi ad avvertire il padre, che pesta a sangue l'immigrato, gli taglia le palle e gliele fa ingoiare prima che muoia dissanguato.

Una vicenda così incredibilmente violenta che potrebbe non essere vera. Ma per molti lo è. Nonostante nessuna tv o giornale la riporti a darne conferma, la notizia viene condivisa e diventa virale sui social network: 530mila like (!), milioni di visualizzazioni e decine di migliaia di condivisioni. Una notizia bomba, incendiaria, che scatena commenti violenti, inneggia alla vendetta, all'odio contro gli immigrati.

Ma una notizia falsa. Terribilmente falsa. Inventata da un ragazzo di vent'anni che fabbricava ad arte questa ed altre decine di malefatte ad opera del nemico di questo tempo: lo straniero, l'immigrato. Non lo faceva per odio o per razzismo - dice lui - ma "per aumentare il traffico", per fare in modo che il sito avesse più visibilità: più visibilità significa più banner pubblicitari, più banner pubblicitari più soldi. L'odio come business.

Oggi quel sito è chiuso. Ma se ci pensate un momento, i danni fatti sono enormi. A quelle centinaia di migliaia di persone che hanno letto e condiviso, la smentita di questa e di altre notizie inventate forse non arriverà mai.

Per questo volevo scriverne qui: per fare il mio, nel mio piccolo. Perché si può discutere, litigare e confrontarsi. Ma almeno facciamolo informati. Prendetevi il tempo di verificare, prendetevi il tempo di non farvi prendere (inutilmente) dall'odio.

Fonte: http://www.huffingtonpost.it/marco-furfaro/le-bufale-sui-migranti-e-odio-come-business_b_8077102.html - 02.09.2015

Migranti, i media e la diversa "televisività" di chi ha bisogno di aiuto

La svolta è avvenuta con gli sbarchi in Grecia e l'apertura della via balcanica all'Europa perché da quel momento anche il più cieco dei ciechi ha cominciato a "vedere" il carattere geopolitico della questione

Stefano Balassone

Nella questione dei profughi e/o migranti, i media hanno contato eccome. Dapprima al peggio. Scarse le inchieste dai luoghi in guerra, prevalente il racconto del derby fra crudeltà e buon cuore. Di fatto contribuendo alla fabbrica della paura, che come è noto non si cura con le esortazioni, ma con le analisi. La svolta è avvenuta con gli sbarchi in Grecia e l'apertura della via balcanica all'Europa perché da quel momento anche il più cieco dei ciechi ha cominciato a "vedere" il carattere geopolitico della questione e l'impossibilità di sfuggirvi a chiacchiere. E qui ha pesato anche la diversa "televisività" assunta dagli eventi.

Conta, ad esempio, che i profughi via terra siano oggettivamente meglio disposti all'inquadratura e al microfono, non siano inzuppati e stravolti, ma abbiano il loro zainetto tale e quale al nostro, le stesse magliette, lo stesso passo delle nostre passeggiate in montagna. Insomma, sono raccontabili come un reality, un Pechino Express durissimo, ma comunque un reality dentro il quale possiamo calarci. La camera li può seguire, può carpirne le espressioni e le parole (molti conoscono altre lingue oltre la loro) e così li trasferisce dal campo delle "caotiche catastrofi" a quello del "comunicabile" e dunque del gestibile. Aggiungi che quell'incolonnato calcare di passi sulla terra li fa apparire come "gente che se la sa sbrigare". E nessuno viene aiutato più volentieri di chi già se la

sta cavando. Altro che le migliaia rinserrati, lontano dagli occhi lontano dal cuore, nelle stive dei barconi in fondo al mare, in compagnia dei cattivissimi scafisti senza i quali vuoi mettere come si arresterebbe l'esagerato afflusso di quelli che la scampano.

Sta di fatto che basta salire su un mezzo pubblico per cogliere l'aria diversa dell'opinione pubblica e per capire che a Salvini è come se gli avessero sfilato di sotto la sedia. Tant'è che ora, sentito con le nostre orecchie, rinfaccia alla Merkel di volersi accaparrare i "profughi più qualificati". E così anche i più testardi possono cominciare a sospettare che quella che pareva una minaccia è invece una colossale risorsa.

E ora, per mantenere l'incanto, un fraterno consiglio puramente televisivo all'ideale responsabile-immagine dei profughi/migranti: eviti gli inviti (e ne arriveranno tanti) nei talk show finché tutti gli invitati non padroneggino perfettamente le lingue del luogo di accoglienza. Guai a resuscitare, con sonorità ancora non amalgamate e con incertezze nella coniugazione dei verbi, quel senso di diversità che farebbe resuscitare la figura dell'estraneo che è sempre vissuto, e qui c'è poco da fare e da dire, come un potenziale nemico. Perché nei media, come si sa, è la forma che convalida il contenuto.

Fonte: <http://www.ilfattoquotidiano.it/2015/09/07/migranti-i-media-e-la-diversa-televisivita-di-chi-ha-bisogno-di-aiuto/2014631/> - 07.09.2015

«Ti sorprendi che i migranti abbiano un cellulare? Sei un idiota»

Francesco Oggiano

Con un titolo provocatorio, The Independent smonta uno dei luoghi comuni che stanno facendo più breccia tra gli indignados dell'ultima ora: quello che accomuna il possesso di un cellulare da parte dei migranti a una loro condizione di agio.

L'equazione, nel 2015, non torna né geopoliticamente né economicamente né logicamente.

Gli uomini e le donne arrivati in questi giorni sono per la maggior parte profughi, non migranti. Sono persone fuggite da una guerra, ancor prima che dalla povertà, e sono di ogni censo ed estrazione sociale. Tra loro vi sono disoccupati ma anche dottori, muratori ma anche operai specializzati. Nel loro Paese di origine avevano una casa, una Tv e anche un cellulare. Hanno visto distrutta la casa, lasciato sotto le macerie la Tv e portato con sé il cellulare.

Dal punto di vista economico, quest'ultimo è ormai un bene alla portata di quasi tutte le classi sociali. Prendiamo i profughi siriani. Vengono da un paese classificato dalla Banca Mondiale come «medio-basso» dal punto di vista economico, quindi non poverissimo. Un paese nel quale esistono 87 cellulari ogni 100 abitanti e in cui il guadagno medio è di 1.850 dollari l'anno.

Per comprare uno smartphone dotato del sistema Android (e quindi di fotocamera, schermo ampio e connessione internet) del costo di circa 100 dollari, in media dovrebbero mettere da parte il 5% del proprio reddito annuale: è un sacrificio non certo impossibile e fatto volentieri da quasi tutti.

Il che ci porta al secondo aspetto, quello logico. Il telefonino, anche di ultima generazione, non rappresenta più un bene di lusso, ma uno primario, per ottenere il quale i cittadini di tutto il mondo sono pronti a sacrificare altre voci di spesa.

Quella scatola di plastica e coltan è diventata, per i profughi come per noi, un bene imprescindibile per la conduzione della propria vita. Grazie a quella, i migranti restano collegati al mondo che stanno attraversando in barca; scoprono il territorio che li sta ospitando; tengono i contatti con la famiglia che hanno lasciato; ne intessono di nuovi con i connazionali che trovano sul luogo di approdo.

È l'immigrazione 2.0, fatta di gruppi WhatsApp tra i profughi per scambiarsi suggerimenti per la traversata, di rotte controllate su Facebook e di chiamate via Skype a casa. «Ogni volta che vado in un Paese nuovo, compro una scheda sim e attivo Internet per navigare sulle mappe. Una delle cose che mi preoccupano di più è quando la batteria inizia a scaricarsi», racconta Osama Aljaseem al New York Times, che in un lungo reportage fra i profughi siriani e iracheni ha raccontato i nuovi bisogni dell'immigrazione.

Bisogni ai quali anche le organizzazioni umanitarie stanno adeguandosi. L'Alto Commissario delle Nazioni Unite per i Rifugiati ha distribuito 33 mila schede sim ai rifugiati siriani in Giordania e 85 mila piccole lampade che possono anche essere utilizzate per la ricarica. Le stazioni tedesche hanno messo a disposizione aree per la ricarica dei loro cellulari.

Molte fotografie mostravano profughi «rifugiatisi» temporaneamente nei pressi di una presa elettrica. Si riposavano, in attesa che a ricaricarsi fosse il loro cellulare. Avevano appena finito di attraversare il mondo, con lo zaino, qualche vestito e uno smartphone. L'avrebbero fatto davvero se non avessero dovuto?

Fonte: <http://democrazy.vanityfair.it/2015/09/08/migranti-cellulari/> - 08.09.2015

Gli immigrati nei videogiochi, tra politiche d'accoglienza e paura dello straniero

Un tema complesso su cui i giochi strutturati spingono a riflettere, anche se alcune meccaniche basilari finiscono per mirare ai più bassi istinti

Marco Consoli

Lo zelante impiegato di frontiera analizza passaporti, documenti, visti e poco importa che tra gli immigrati di fronte a lui ci siano madri che vogliono ricongiungersi con i figli o semplicemente disperati in cerca di un futuro migliore: se la persona è sospetta o ha dichiarato il falso, la guardia può attivare un pulsante per fare scattare l'arresto, anche se l'immigrato scoperto lo implora di rifiutargli l'ingresso e lasciarlo andare. La scena non è tratta dalla cronaca di questi giorni ma è una delle situazioni di *Papers, Please*, videogame indipendente che da pochi mesi è disponibile per iPad dopo essere stato pubblicato nell'agosto 2013 su Pc e Mac ed avere raccolto premi in tutti i festival del mondo. «Ero affascinato dalla ripetitività del lavoro di chi è stritolato dalla burocrazia», si schermisce l'autore, Lucas Pope, che si è ispirato alla professione della sorella.

Anche se il gioco si svolge in una fantomatica repubblica sovietica durante la guerra fredda, tuttavia è impossibile non pensare al dramma dei flussi migratori che negli ultimi anni si sono abbattuti sull'Europa, anche perché Pope ha ammesso di essere stato tentato «dall'idea di fare vedere quali sono le possibili ricadute di politiche sull'immigrazione troppo permissive o restrittive». In un progressivo montare di paura nei confronti dello

straniero, nel gioco l'ispezione diventa sempre più minuziosa, e dai semplici documenti si arriva nel giro di poco tempo all'introduzione dello scanner corporale. Anche se *Papers, Please* non manca di considerare l'altro lato della medaglia: la guardia di frontiera, con i cui compiti e drammi morali si identifica il giocatore, è costretta a produrre risultati per sostenere la famiglia che conta sul suo stipendio.

Quello di Pope non è l'unico videogame che in un recente passato si è occupato di accendere i riflettori sul tema dell'immigrazione: *Iced*, realizzato dall'organizzazione umanitaria Breakthrough, è un acronimo che sta per «I can end deportation» (ovvero «Posso fermare la deportazione») e si svolge negli Stati Uniti, dove nei panni di un immigrato senza visto o documenti regolari bisogna cercare di evitare i controlli che finiranno per sbatterti fuori dal Paese. Un problema quello della chiusura nei confronti dello straniero che in America si è acuito dopo gli attentati dell'11 settembre, ma che ha visto una svolta in senso opposto lo scorso novembre dopo un discorso alla nazione del Presidente Obama.

In maniera simile *Frontiers*, nato dal collettivo austriaco di artisti Gold Extra dopo una ricerca

compiuta intervistando rifugiati, membri di ONG e di organi governativi, mette in scena un viaggio della disperazione dall'Africa sub sahariana attraverso la Spagna e fino al porto di Rotterdam. Il videogame tenta di far riflettere sulle politiche di accoglienza del vecchio continente, ponendo il giocatore da entrambi i lati della barricata, nel ruolo di un extracomunitario o dell'autorità incaricata di controllare i confini di quella che letteralmente viene definita "la fortezza europea".

Naturalmente in mezzo ai videogame più strutturati che spingono i giocatori a riflettere sulla complessità dei temi in gioco, ci sono anche quelli che, come fanno alcuni politici, mirano ai più bassi istinti di chi li utilizza, come *Border Patrol* tutt'ora presente online nonostante sia stato accusato di razzismo: il gioco che ha meccaniche troppo basilari per essere davvero divertente dipinge gli immigrati messicani sfruttando i peggiori stereotipi e invita il giocatore ad usare il fucile per impedire loro di mettere piede sul suolo americano.

O ancora ci sono titoli controversi come *Smuggle Truck*, pubblicato e poi ritirato dall'Apple Store perché accusato di banalizzare il dramma di chi cerca di attraversare illegalmente le frontiere, ponendo l'utente al comando di un camioncino che

nel deserto trasporta clandestini e cerca di non perderli lungo la strada a causa dei sobbalzi provocati dal percorso accidentato. Nonostante il team di sviluppo abbia dichiarato di voler denunciare il sistema americano dei controlli di frontiera il gioco, disponibile nelle store di Google, è stato accettato da Apple solo quando le persone sono state sostituite da colorati peluche.

Nonostante l'industria dei videogame sia spesso stata criticata per la sua propensione a utilizzare i conflitti a scopo meramente ludico, senza curarsi minimamente di affrontare le conseguenze che hanno su chi li subisce, *This War of Mine* è un titolo che anziché mettere nei consueti panni del soldato pronto a imbracciare un fucile chiede di vestire quelli dei civili costretti a lottare per la sopravvivenza, tra scarsità di cibo e necessità di trovare risorse per scaldarsi e avere un posto sicuro dove ripararsi dal fuoco dei cecchini. Un gioco che fa riflettere e va alle radici del principale problema dietro i grandi flussi migratori: non è solo la povertà a muovere le masse verso le nazioni più ricche, ma è soprattutto la guerra che non lascia nessuna speranza per il futuro.

Fonte: <http://www.lastampa.it/2015/09/09/tecnologia/gli-immigrati-nei-videogiochi-tra-politiche-daccoglienza-e-paura-dello-straniero-lmmkYgiTD7ZwrTS7smYwO/pagina.html> - 09.09.2015

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA!
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?
83. Os rumos do TRÁFICO DE SERES HUMANOS
84. MIGRAÇÃO DE RETORNO e crise: sonho frustrado?
85. Os desafios da MIGRAÇÃO FEMININA
86. As RELIGIÕES diante dos desafios das MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS
87. TRÁFICO DE PESSOAS: é possível combater?
88. Novos FLUXOS MIGRATÓRIOS: uma nova questão social
89. MULHERES MIGRANTES: protagonismo e vulnerabilidades
90. A RELIGIÃO como meio de assistência, integração e emancipação dos migrantes.
91. TRÁFICO DE PESSOAS: entre o discurso e a realidade.
92. A “Globalização da indiferença” e a CRIMINALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES
93. As MULHERES no contexto das políticas migratórias
94. As RELIGIÕES a serviço da dignidade dos migrantes
95. TRÁFICO DE PESSOAS: O ser humano está à venda?
96. Por uma compreensão mais ampla das MIGRAÇÕES FORÇADAS
97. MULHERES MIGRANTES: entre fronteiras físicas e sociais.
98. Migrações, RELIGIÕES e violência
99. TRÁFICO DE PESSOAS e políticas migratórias
100. MÍDIA e migrações: entre discursos e estereótipos